

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

DANIELLA GOMES DE FREITAS

Luta e Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe

Percurso Acadêmico apresentado ao curso de licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

BELO HORIZONTE-MG

2020

DANIELLA GOMES DE FREITAS

Luta e Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe

BELO HORIZONTE – MG

2020

Epígrafe

***“Eu balanço...
Eu balanço...
Eu balanço, mas não caio.
Quando eu vou cair
tem meu Tupã pra segurar”.***

Autor desconhecido. Tohé cantado pelo Povo Pataxó Hãhãhãe.

AGRADECIMENTOS

No momento em que estou concluindo o curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação “Línguas, Artes e literatura” da UFMG, sinto a necessidade de agradecer a todos e todas que contribuíram para fechado esse ciclo.

Agradeço primeiramente Tupã, aos encantados, ancestrais, a comunidade, lideranças e em especial as mulheres entrevistadas do Povo Pataxó Hãhãhãe Dona Lizinha (Em Memória), Cacique Ilsa, Edenisia Pereira, Célia dos Anjos, Olinda Muniz Wanderley. Pela oportunidade de estar concluindo esse percurso que é muito importante para a minha trajetória de vida.

Agradeço também aos professores do FIEI/LAL:

Professora Clarisse que despertou em mim o novo olhar através das imagens e vídeos. Apresentou-me um olhar diferente, cuidadoso, bem como valorizar os registros, pois através deles mantemos a Memória de um Povo viva. Minha eterna Gratidão.

Professor Marco Scarassatti despertou em mim a sensibilidade do ouvir a diversidade dos sons que me rodeiam, bem como valorizar a Arte. Minha Eterna Gratidão.

Rodrigo Ednilson despertou em mim as práticas pedagógicas em diferentes espaços. A ele devo a minha vida por ter me salvado. Minha Gratidão Eterna.

Guilherme e Josiley me mostraram a Arte da literatura de uma viagem literária criativa. Passei em lugares nunca vistos, tomados pela imaginação através da leitura de vários autores.

Gilcinei despertou em mim o olhar para onde eu vivo e valorizá-lo em tudo que nele existe. O novo olhar para a vida. Minha Eterna Gratidão.

Carlos Novais e Telma trouxeram para mim uma nova visão da literatura Brasileira e Indígena, através de vocês tive oportunidade de observar o quanto é importante a nossa literatura.

Shirley Miranda nos proporcionou o conhecimento sobre a legislação da Educação Escolar Indígena.

Francys me apresentou uma nova língua Libras, Minha Eterna Gratidão.

Carlo Sandro despertou em mim o interesse pela fonologia. Minha Eterna Gratidão.

Edgar e Anna Vencatto despertaram em mim a necessidade de ver o outro respeitando as diferenças religiosas, culturais, étnicas entre outras. Minha Eterna Gratidão.

Charles despertou para o conhecimento do meu Território em todos os aspectos. Minha Eterna Gratidão.

Maria Gorete pelo suporte que me deu no momento que mais necessitei em Belo Horizonte, bem como por ter aceitado o convite de ser minha orientadora e acreditado em mim, assim como, conseguido extrair o desejo de escrever sobre o tema.

Luciana, Secretária do FIEI, por ter sido o nosso braço direito nos momentos de dificuldade que passamos nesse período de quatro anos.

Ao professor e Mestre Wellington do Jardim Mandala por ter despertado em mim o sentido de ver o mundo através do agradecimento, “aprender a semear a Luz no solo dos corações conduzindo o arado milagroso do amor para que as sombras da ignorância abandonem a terra para sempre”.

Aos Bolsistas que passaram nesse período João, Matheus, Ana, Danilo, Fernanda, Nicole, entre outros. Minha Eterna Gratidão.

Nesse momento, gostaria de agradecer a todos os colegas Pataxó Hãhãhãe que passaram durante esses quatro anos e que me fortaleceu para que eu permanecesse estudando na UFMG em especial: Hadisson, Hariã Ivanilda , Lucas , Amagilda, Reginaldo Ramos, Naraynam, Sara Moraes, Edmar..

Gostaria de agradecer com muito carinho a Ana Carina Pataxó , Leticia Caetano Pataxó, Werymery Patxoop, que me fortaleceram espiritualmente para enfrentar essa jornada com sucesso. Minha Eterna Gratidão.

Gostaria de Agradecer aos Colegas Xacriabá e Pataxó pelos quatro anos de excelente convívio.

Agradeço a minha família por ter contribuído para a conclusão do meu percurso. Eterna Gratidão.

Minha Eterna Gratidão a todos que direto ou indiretamente contribuíram para a conclusão desse percurso.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	10
Capítulo I – História do Povo Pataxó Hãhãhãe.....	12
Formação do Povo Pataxó Hãhãhãe.....	13
Histórico das Violências Sofridas pelo Povo Pataxó Hãhãhãe na Luta Pela Terra.....	18
Capítulo II – Luta e Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe.....	21
ELISA MARIA DOS ANJOS (em memória)	24
ILSA RODRIGUES DA SILVA	27
EDENÍSIA PEREIRA DOS SANTOS	34
CÉLIA DOS ANJOS SILVA	37
OLINDA MUNIZ SILVA WANDERLEI.....	44
Considerações Finais	48
Galeria De Fotos “Luta e Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe.....	51
Referências	160

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Daniella Gomes de Freitas, sou índia da etnia Tupinambá, com o nome indígena, AMANAYARA. Pertencço ao Povo Pataxó Hãhãhãe, situado no sul da Bahia no Território Litoral Sul. Moro na T.I Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, no município de Pau Brasil-BA.

Nasci no dia 13 de setembro de 1981 em Itabuna-BA, sou indígena da Etnia Tupinambá de Olivença, filha de Durval Batista de Freitas e Gildinai Gualberto Gomes, pois a minha vó paterna Clarisse Batista de Freitas é oriunda de Olivença.

Em 1994 minha mãe veio trabalhar em Pau Brasil-BA. Foi quando conheceu o indígena Zequinha, Liderança Pataxó Hãhãhãe. Viemos para a aldeia em 1995 e fomos morar em Eunápolis onde concluí o Ensino Fundamental II. Fiz a seleção da EMARC (Escola Média de Agropecuária Regional da CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira). O que me fez cursar Agropecuária, foi porque viemos morar na reserva indígena no ano de 1996, e senti que tinha necessidade de melhorar a condição de vida do nosso povo, pois vivíamos com muita dificuldade. Embora o nosso território fosse demarcado em 54.105 hectares, vivíamos apenas em 1.079 hectares. Naquela época, aqui no Caramuru predominava a agricultura familiar de subsistência.

Ao retornar do curso da EMARC, fui trabalhar voluntariamente fazendo análise de solo com a parceria da CEPLAC, com o objetivo de melhorar a produção agrícola do meu povo. Com essa formação, participei da implantação da produção de mel de abelha, pois quando retomamos a região da Milagrosa existia um apiário e eu ajudava na manutenção, juntamente com o irmão Elias(Missionário Jesuíta).

Em 2000, participei da fundação e Estadualização da Escola Estadual da Aldeia Indígena Caramuru Paraguaçu. Com a implantação do Ensino Médio a Escola passou a ser denominada Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru -Paraguaçu. Lecionei a disciplina de Técnicas Agrícolas e desde esse período trabalho na escola como professora. De 2006 a 2011, tive a oportunidade de trabalhar na FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) na função de Assessora Sindical assessorava a ACIPAC (Associação Indígena Pataxó

Hãhãhãe da Aldeia Caramuru). A partir daí veio a possibilidade de habilitar e regularizar os parentes indígenas no cadastro da DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF) junto à CEPLAC e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pau Brasil-BA, PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), PRONAF (Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar) parceria com a CEPLAC/ Pau Brasil-BA. Atuei no cadastro das famílias para o leite FOME ZERO, Bolsa Família do Território Indígena Caramuru. Realizei o levantamento de todas as moradias dos parentes indígenas na Região do Mundo Novo, no Programa Luz para Todos e Minha Casa Minha Vida. Esses projetos foram muito importantes, pois, visava a auto sustentação do nosso Povo Pataxó Hãhãhãe.

Com os conhecimentos adquiridos, comecei a ajudar voluntariamente a chefia da FUNAI local Pau Brasil-BA, no que se refere as ações sociais do nosso território.

Em 2015, recebi uma visita de um parente Pataxó Barra Velha, informou-me que estudava na UFMG e me incentivou a inscrever na seleção. Como sou professora indígena sentindo a responsabilidade de aplicar a Educação Diferenciada Intercultural e aprimorar os conhecimentos adquiridos aplicando-os na comunidade, me inscrevi e fui aprovada na UFMG.

Neste momento, sinto a necessidade de mostrar o papel da mulher indígena na luta e resistência enquanto mulher dentro do seu território. Quando pensei em produzir este trabalho, adotei a seguinte linha de pensamento. Observando as fotografias que tenho em meu acervo pessoal, comecei a notar alguns detalhes das mulheres que estavam exercendo várias atividades como nas roças, na casa de farinha, retomadas, nas escolas, cuidando do gado, exercendo a função de motorista, curandeiras, feirantes, diretora do colégio, professoras, lideranças, cacique, jornalistas, médicas, enfermeiras, técnicas de enfermagem, agente de saúde, auxiliar de pedreiro, vaqueiras, entre outras atividades, além das atividades domésticas do nosso dia a dia. No entanto, essas mulheres não são observadas e nem reconhecidas pelas várias funções que desenvolvem dentro da comunidade.

Em geral, as pessoas reportam as atividades dessas mulheres apenas como se fossem exercidas pelos homens. Elas são protagonistas dentro da comunidade. Além de mulheres que cuidam da casa, dos filhos, do marido, ainda exercem várias atividades externas. Mediante essas observações fui buscar informações sobre quem são essas mulheres empoderadas que, mesmo

vivendo em uma sociedade patriarcal, destacam-se como lideranças e desempenham funções fora de suas casas, bem como contribuem para a manutenção da família.

Diante do exposto, resolvi entrevistar mulheres que foram, e ainda são, protagonistas femininas dentro do território do Povo Pataxó Hãhãhãe. Certamente não são apenas essas as mulheres que fazem acontecer. No entanto, darei destaque a algumas, como a primeira motorista da Secretaria Especial de Saúde Indígena-SESAI, a primeira Diretora do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru Paraguaçu, a parteira e curandeira mais velha da comunidade, uma enfermeira, uma cacica, uma jornalista e lideranças femininas. Estas mulheres representam-nos enquanto mulheres e profissionais que desempenham o seu papel. Assim, neste trabalho pretendo fazer uma exposição fotográfica com a biografia de cada uma dessas grandes protagonistas femininas Pataxó Hãhãhãe.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é dar visibilidade a algumas mulheres indígenas “invisíveis” do Pataxó Hãhãhãe da Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, que vivem na comunidade, destacando suas lutas e resistências. As mulheres possuem um papel fundamental na organização da luta pelo nosso território, e, por vezes, têm sua imagem sempre co-relacionada aos seus companheiros, costume esse que quase sempre invisibiliza o papel protagonista que essas mulheres desempenham. Este trabalho visa evidenciar essas mulheres e seus conhecimentos, que poderá ser lido por pessoas que participaram ou não da luta territorial. Meu interesse é registrar através de depoimentos e fotografias a participação feminina em momentos importantes e decisivos para o movimento de reconquista do território, bem como o papel delas na reorganização comunitária.

A minha pesquisa foi realizada através de conversas pessoais e entrevistas. Para os registros, foram usados recursos de áudio para gravação das falas e diálogos. Após essa fase, as gravações foram transcritas. Escolhi para minha pesquisa mulheres Indígenas Pataxó Hãhãhãe aldeadas da Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, que atuam em áreas de conhecimentos diversificados, visando apresentar um pouco do complexo contexto feminino Pataxó Hãhãhãe. Todas apresentam histórias de luta associadas com a resistência territorial e se preocupam com as futuras gerações na administração do território.

Iniciei a pesquisa a partir de 2017, com encontro nos espaços de convivência de cada entrevistada, espaço que elas se sentiam à vontade como Olinda Muniz Wanderley (no espaço do projeto Kaapora), Dona Lizinha (na varanda de sua casa), Cacique Ilsa (em seu quintal), Célia dos Anjos (em sua casa) e Edenísia Pereira (no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru).

Foram momentos únicos que ficarão guardados na minha memória. Infelizmente, antes de concluir a minha pesquisa Dona Lizinha transcendeu, deixando seus saberes tradicionais que permanecerão por todas as gerações do Povo Pataxó Hãhãhãe, bem como dos Povos Tradicionais Brasileiros. Fica aqui minha homenagem.

Com essa pesquisa, observei que muitas dessas histórias não são de conhecimento público da comunidade, por isso, espera-se que a pesquisa sirva

de acervo documental para a consulta do papel da mulher indígena Pataxó Hãhãhãe, dentro e fora do território.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo traz o mapa e o Histórico do Território Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. O segundo capítulo apresenta a Luta e Resistência das Mulheres Indígenas Pataxó Hãhãhãe. Por fim, apresento minhas Considerações Finais e a Galeria de Fotos retratando as mulheres e suas atividades no território Pataxó Hãhãhãe.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO POVO PATAXÓ HÃHÃHÃE

Relembrando a história dos povos indígenas é possível compreender o presente baseado em tristes formas de tratamento que estes receberam no passado. As marcas deixadas em seu percurso de vida são chocantes. Várias foram as tentativas de extermínio desses povos. A criação de órgãos, como o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), que tinha a finalidade de proteger os ancestrais que aqui habitavam, deixou evidente que não cumpriu com sua missão. O que ocorreu na reserva indígena Caramuru Catarina Paraguaçu foi a entrega das terras, que estavam demarcadas e que legalmente pertenciam aos indígenas, aos fazendeiros, através de arrendamentos. Estes, por sua vez, exploravam toda a capacidade das terras férteis da reserva. Vale salientar que essa permissão fora autorizada e defendida pelo órgão que deveria estar à frente para a proibição de tal fato.

A história da Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu tem se destacado tanto pela abundância de atos ilegais, de violência e corrupção, favorecidos pelo poder econômico ligado à jagunçagem, quanto pela extraordinária capacidade de resistência desse povo e isso se deve também às mulheres indígenas que sempre foram participantes ativas nos movimentos. Podemos destacar entre elas, Bahetá, Egída Trajano, Zefirina Ferreira, Maria de Camilo, Nicô, Jacinta Grairá, Elizia Maria dos Anjos, Maria Vieira Lima, Rosinha Goes, Cabocla Deuzuita, Irda Nonato, Marculina, Lucilia Muniz, Minervina, Maria Portuguesa, Jovelina Pataxó, Professora Maria Muniz, Maura Thithia, Judite, Lucidalva Pataxó, Marilene de Jesus, Zenolia Mello, Leonora, Jardelina, Professora Margarida Pataxó, Filomena, Raimunda Pinheiro, Marielma Pinheiro, Justina, Joana Muniz, Maria Senhora, Martha Xavier, Maria Ozelha, Carmelia Saturnino, Crispina, Hideildes Fernandes, Maria Dajuda de Jesus, Maria Otilia, Elisabeth Gonçalves, Ana Ferreira, Joana, entre outras. Abaixo teremos a imagem de algumas delas, infelizmente não terei como apresentar de todas devido à ausência de fotografias, uma vez que na época era muito difícil registrar.

Formação do Povo Pataxó Hãhãhãe

O Povo Pataxó Hãhãhãe está localizado no Sul do Estado da Bahia, dentro dos Municípios de Pau Brasil, Camacan e Itaju do Colônia -BA. É formado por várias etnias como: Kamakã (foram contactados pelo capitão Vasconcelos oriundos de Vitória da Conquista, Itapetinga, Itambé, Itabuna-BA), os Kariri Sapuyá (vieram de Pedra Branca para Santa Rosa em Jequié, posteriormente viveram em São Bento e em Nova Canaã e foram contactados pelo Etnólogo Curt Nimuendaju). Os Baenãs e os Hãhãhães vieram do município de Itapetinga e foram capturados na Serra do Couro Dantas. A etnia Guerem veio de Olivença e Valença da aldeia São Fidelis. Os Tupinambá são provenientes de Olivença no Município de Ilhéus-BA. Na época existia uma guerra nessa região e o Caboclo Marcelino estava sendo procurado para ser executado. Ele e seus seguidores vieram parar na reserva indígena Caramuru Catarina Paraguaçu.

Nesse contexto vive hoje o Povo Pataxó Hãhãhãe que é composto por descendentes de todas as etnias que vieram viver nessa Reserva. Do relacionamento entre uma etnia e outra surgiram os filhos que hoje pertencem à etnia Pataxó Hãhãhãe.



Figura Campanha Internacional pela Regularização do Território Pataxó Hãhãhãe p. 05. ANO 2000.

A Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu foi criada pelo então Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1926, em terras devolutas do Estado

da Bahia, para “gozo dos índios Pataxós e Tupinambás” (Lei Estadual nº 1916/26. Diário Oficial. Salvador, 11/08/1926, assinada pelo governador Francisco Marques de Góis Calmom). Foram reservadas 50 léguas em quadro de terra em florestas gerais e acatingada destinadas aos indígenas Tupinambá, Pataxó e outros ali existentes. A medição foi realizada pelo Capitão do Exército Brasileiro Vicente de Paula Teixeira da Fonseca Vasconcelos, entre os anos de 1926-1933. Essa medição não foi concluída, ficando a área dividida em dois polígonos norte com a sede do Posto Indígena Caramuru (Bahetá) e no sul Posto Indígena Paraguaçu. O polígono norte ficou destinado o convívio dos Pataxó e Baenã, o polígono sul às etnias Kamakã, Kariri Sapuiá, Guerém e Tupinambá.

Em 1934, o funcionário do SPI Telésforo Martins Fontes constitui contato decisivo com o último grupo Hãhãhãe, na serra do Couro D'Anta. (Ribeiro, 1982). Com tal ação, conseguiu, em 1935, o reconhecimento oficial das terras. Porém, a cada decisão favorável aos índios, intensificavam-se os conflitos entre os fazendeiros e os indígenas na região. Vários foram os acordos entre o SPI – Serviço de Proteção ao Índio e o governo da Bahia, com vistas à redução da área Caramuru Catarina- Paraguaçu. Diante dessa atitude, em 1936 acontece a invasão da Reserva por tropas da PM da Bahia para dominar a suposta “Revolução Comunista do Posto” (Paraíso, 1976, p. 47-48).

O órgão indigenista oficial, SPI, responsável pela proteção aos índios, se junta aos interesses políticos e econômicos da região, e começa a fazer arrendamento da terra indígena, favorecendo a ocupação por parte dos fazendeiros e posseiros. Diante a tal situação, ocorre

“(…) A campanha desenvolvida pelos arrendatários – invasão armadas, ameaças aos índios, queima de roças, extorsão de dinheiro e estupros de suas filhas com o apoio de destacamento policial militar ali sediado, levou à evasão de várias famílias. Alguns índios tentaram reagir à invasão, formando um pequeno exército montados em mulas e armados de arcos e flechas esses indígenas foram presos”. (Paraíso, 1984)

Dona Eliza Maria dos Anjos, uma das anciãs que vivenciou os acontecimentos da época, relatou para mim o seguinte:

O chefe de Posto dessa época tinha o costume de estuprar as meninas. Como seu pai José caboclo era chefe indígena da região do Mundo Novo, ele denunciou ao diretor do SPI, em Governador Valadares Minas Gerais. Quando o chefe do SPI local ficou

sabendo, prendeu todos os envolvidos amarrando-os e puxando o chefe montado e os indígenas andando até Itaju do Colônia, passando pelo Rancho Queimado, Água Vermelha, Serra da Bananeira até o Caramuru (Bahetá). Quando a comissão chegou, o chefe estava bebendo em Itaju do Colônia. Ele encontrou todos os indígenas presos e denunciaram. Neste momento soltaram os indígenas e prenderam o chefe do posto. (Entrevista concedida em agosto de 2019)

Nos anos, 1937/1938 é realizada uma nova demarcação que reduz o território Indígena Pataxó Hãhãhãe de 180 mil hectares para 54.105 hectares. Após a demarcação, imediatamente, iniciou-se contratos de arrendamento a não índios, no limite do Posto Indígena Paraguaçu. Nas décadas seguintes, a área indígena tornou-se campo de uma guerra cruel, com a morte de várias lideranças, prisões arbitrárias, sequestros, invasões e ameaças. Neste período aconteceu uma diáspora. Muitos índios foram tidos como desaparecidos, outros encaminhados para o Centro de Recuperação Krenak-MG, e outros refugiaram-se na Fazenda Guarani também em Minas Gerais.

Enquanto isso, várias famílias permaneceram dentro da área Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, utilizavam a estratégia de se mudarem a cada ataque dos fazendeiros. Porém, nas Décadas de 40 e 50 ocorreram inúmeras invasões na região do Mundo Novo, a sede do Rancho Queimado, que se torna Fazenda São Bento, e depois vendida a uma grande empresa produtora de Cacau. Em 1967, o grileiro Jener Pereira Rocha expulsa o líder Samado Santos.

Na história de conquista dos índios da Pedra do Couro Danta, região de Itapetinga-BA, consta que o chefe do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), Telésforo Fontes montou uma equipe para capturar índios do mato. O cacique capitão Onrak era uma das pretensões dessa frente de captura. Porém, não houve vitórias a não ser pela captura de um pequeno índio que veio do mato mamando cujo a mãe escapou e deixou a criança sozinha. A frente de captura encontrou esse indiozinho e deu o nome de Dedé. Ele cresceu e mais tarde se tornou uma pessoa muito importante dentro da comunidade. Na época, por ser um índio bravo ele era determinado e gostava de lutar pelos direitos da comunidade. Dedé não media esforços, tanto que ele cresceu e o chefe de posto se sentia ameaçado por ele. Por causa disso, Dedé foi encaminhado para ao Reformatório Indígena Agrícola de Krenak (MG). Dedé é dado como

desaparecido, nunca mais retornou a sua Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu.

Também Samado e seu filho Diógenes são presos, expulsos de sua posse no PI Caramuru e recolhidos ao Centro de Recuperação de Krenak (MG).

No início da década de 70, foi apresentado à Câmara Federal, pelo deputado Henrique Cardoso (MDB/BA), uma proposta de extinção da Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, e os governadores do Estado da Bahia Roberto Santos e Antônio Carlos Magalhães, nos anos 1976 a 1980, distribuem títulos arrendatários dessa Reserva. Na solenidade de entrega dos falsos títulos, em Itajú do Colônia, uma passeata de protesto dos índios que permaneciam nas áreas foi reprimida com violência, alguns foram presos e ameaçados de morte, caso insistissem em novas manifestações.

Diante da solicitação de extinção da Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, em 1976, houve a realização do levantamento histórico-sócio-econômico da Reserva Caramuru Catarina Paraguaçu pela antropóloga Maria Hilda Paraíso. Após o levantamento antropológico, as lideranças iniciam um processo de viagens e contatos com os parentes. São as primeiras ações e articulações para a recuperação da terra. Neste período, o Conselho Indigenista Missionário - CIMI inicia o processo de assessoramento da luta. Os índigenas que viviam aqui na redondeza no Posto Indígena Caramuru e Paraguaçu, tendo conhecimento do levantamento antropológico que estava sendo realizado pela professora e antropóloga Maria Hilda, passaram a enviar cartas a parentes distantes para retornarem à terra indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. “Vai abrir a terra” - era essa a expressão que alegremente acompanhava a mensagem da carta. Os parentes indígenas que recebiam as cartas viviam em diversos estados como: Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rondônia, Pará, Goiás; também em cidades da Bahia e em outras aldeias no território brasileiro.

Diante da possibilidade de retorno para seu chão sagrado, todos começaram a entrar em contato com os outros parentes e se organizaram, e, em abril de 1982, retomaram a terra, passando a viver em 1079 hectares, na área chamada de São Lucas. Esse foi o ponto estratégico para a reorganização, conscientização, valorização cultural, resgate e reavivamento de costumes, tradições, organização sociais. Neste período, as lideranças Higino e Samado buscam o ajuda do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) para a entrada e a garantia da terra. Cristiano Lorentz, Fábio Villas e Mera começam a acompanhar

a luta do Povo Pataxó Hãhãhãe. O CIMI se articula com Mera da CPT (Comissão Pastoral da Terra), que chega à região para acompanhar a luta dos trabalhadores rurais.

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) ingressa em juízo com uma Ação Ordinária de Nulidade de Títulos de Propriedade sobre Imóveis Rurais – ACO 312, junto ao STF (Supremo Tribunal Federal), visando à anulação de todos os títulos de propriedade ilegítima e ilegalmente concedidos pelo governo da Bahia na área da reserva.

Os índios refugiados na fazenda Guarani (MG), procuraram a delegacia da FUNAI em Teófilo Otoni com o objetivo de adquirir o apoio e retornar ao Posto Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. O delegado da FUNAI fez registros comprobatórios informando o desejo dos indígenas. Diante disso, os gestores apoiaram a decisão e escolheram a área da fazenda São Lucas, visto que existia vulnerabilidade jurídica, parecer do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e as questões referente ao índio Samado Santos. O indígena Samado Santos, em 1936, veio para a Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu no Município de Pau Brasil-BA, no período que estava sendo demarcada a Reserva Indígena. Nessa época houve a redução de 180 mil hectares para 54.105 hectares. Samado veio morar na região do Mundo Novo (na localidade conhecida por nome de Entra com jeito por ser uma mata muito densa e possuía muitos animais selvagens além de Jagunços mantidos pelos grileiros), na região da São Lucas onde o grileiro Jener era posseiro, nesse momento ele passou a perseguir os indígenas que moravam nessa região, queimando roças, casas e escorraçando, utilizando a pistolagem. Nesse período todas as violências e ameaças praticadas pelos Fazendeiros eram denunciadas pelo indígena Samado Santos ao SPI (Serviço de Proteção do ao Índio) na capital Federal no Rio de Janeiro e posteriormente a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) em Brasília. Então Samado era tido como um grande líder em defesa das questões referente a T.I Caramuru Catarina Paraguaçu.

Com o ajuizamento da ACO312-1 Ba (Ação Civil Originária), referida antes, pedindo a nulidade dos títulos, todos invasores foram tratados como réus por possuírem posse de títulos provisória doada pelo governo do estado da Bahia. Em decorrência dessa ação, a violência se intensificou, pois os réus insistiam em violar a lei. Nessa luta houve muitas emboscadas e morte, os

antepassados tombaram na defesa do território, muitos morreram na esperança de que um dia essa nulidade de títulos fosse julgada e a justiça se concretizasse.

Após muita luta e resistência, o Povo Pataxó Hãhãhãe conseguiu retomar todo o seu território até o final de abril de 2012. Em 02 de Maio de 2012, por sete votos a um, o Supremo Tribunal Federal anulou títulos de propriedades de áreas particulares que estavam dentro dos 54 mil hectares da Reserva Caramuru Catarina-Paraguaçu. Atualmente a Terra indígena Caramuru Catarina Paraguaçu está registrada nos cartórios de Camacan, Pau Brasil e Itaju do Colônia-BA.

Histórico das violências sofridas pelo Povo Pataxó Hãhãhãe na luta pela terra

Abaixo, apresento um levantamento, não exaustivo, das violências sofridas pelo povo Pataxó Hãhãhãe durante o processo de demarcação e desintrusão do seu território. Conforme descrito antes, o território Pataxó Hãhãhãe passou a ser um espaço de conflito permanente e muitos indígenas foram martirizados por parte dos jagunços junto com os fazendeiros, nas últimas décadas. Muitos indígenas sofreram assassinatos e emboscadas como consta na relação abaixo:

- Em maio de 1984 ocorreu a morte de aproximadamente 29 crianças na área denominada de "Fazenda São Lucas". Essas mortes foram em decorrência das difíceis condições de vida a que estavam submetidos.

- O índio Tan Titiá, seduzido, alcoolizado e preso pelos fazendeiros em Jacarecy, em 1984, foi retornado ao convívio dos parentes em janeiro de 85 com sintomas de perturbação mental e hematomas por todo o corpo.

- No dia 02 de novembro de 1983, o indígena Antônio Júlio da Silva é atingido por um tiro na cabeça por pistoleiros mandados pelo Fazendeiro Marcus Wanderley. Ele é transferido para Brasília onde ficou vários dias em coma. Antônio Júlio ficou paralítico. Seu Antônio era marido de Dona Lisinha.

- O Chefe de Posto Rômulo Siqueira e o advogado da FUNAI Moacir Lira estavam vindo de Ilhéus. Tinham ido dar depoimento sobre o atentado contra o parente Antonio Júlio e ocorreu um atentado a tiros contra eles, próximo à entrada da Aldeia.

- Aconteceu uma emboscada em junho de 1986, deixando gravemente feridos os indígenas: Antônio Xavier (10 tiros), Anivaldo Calixto (01 tiro no peito), Enedito Vítor (02 tiros) e Leonel Muniz (01 tiro).

- No mês de novembro de 1986, a aldeia São Lucas é invadida por pistoleiros e soldados da Polícia Militar, fortemente armados. Em decorrência dessa ação foram assassinados os indígenas Jacinto Rodrigues e José Pereira.

- No dia 29 de março de 1988, o parente Djalma Souza Lima foi colher cacau com um grupo, quando foi atacado por jagunços. Depois de ter sido sequestrado na aldeia, foi encontrado morto. Seu corpo apresentava vários sinais de tortura: unhas, dentes e couro cabeludo arrancados, castrado e com queimaduras em várias partes.

- No dia 16 de dezembro 1988, é brutalmente assassinado o líder Pataxó Hãhãhãe João Cravim, aos 29 anos de idade.

- No mês de abril, de 1993, aconteceu uma série de retomadas na região. Foi reconquistada a região do Mundo Novo, Paraíso, Bom Jesus, São Sebastião, Nova Vida I e Nova Vida II. Porém, essa conquista foi efêmera em virtude da repressão sofrida. Quem estava lá foi retirado das áreas pela Polícia Militar. Mulheres, crianças, lideranças e a própria comunidade sofreram muito com a ação violenta da polícia.

- No dia 20 de abril de 1997, Galdino Jesus dos Santos é queimado vivo em Brasília por cinco jovens da classe média alta, enquanto dormia numa marquise de ônibus.

- No dia 17 de fevereiro 1998, morre aos 71 anos de idade a liderança Euzébio José dos Santos Pataxó. Ele tinha como lema *“que o sangue dos seus parentes era adubo que dava força e coragem na luta pela reconquista da terra.”*

- O velho guerreiro Pataxó Hãhãhãe, Samado Santos, vítima da negligência da Funai, morre no dia 09 de setembro de 1999, no Hospital Regional de Eunápolis. A vida de Samado é marcada por uma intensa luta pela recuperação e garantia do território.

- No dia 02 de janeiro de 2002, Milton Sauba foi assassinado em frente ao seu filho, quando saíam para tirar leite no curral da fazenda que estavam ocupando.

- Em julho de 2001, Raimundo Sota havia denunciado que vinha sendo ameaçado por pistoleiros a mando dos fazendeiros da região. No dia 18 de Julho de 2002, o parente Raimundo Sota é brutalmente assassinado em uma tocaia ao lado de sua casa.

- Em outubro de 2001, pistoleiros de Durval Santana, ex-prefeito de Pau Brasil e invasor do território Pataxó Hãhãhãe, atacam os indígenas na região do Ourinho, e deixam casas todas perfuradas por balas.

- O Presidente da CDH (Comissão de Direitos Humanos) da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, Deputado Yulo Oiticica do PT (Partido dos Trabalhadores), e comitiva vêm a região e visitam as comunidades de Água Vermelha, Mundo Novo e Caramuru Vermelha, para verificar “in loco” denúncias de violência contra a comunidade Pataxó Hãhãhãe. No momento da visita, pistoleiros fortemente armados ameaçam a Comitiva do CDH e todos que os acompanhavam o movimento.

- No dia 19 de maio de 2007, o parente Aurino Pereira dos Santos, 40 anos, casado, foi assassinado a tiros em uma tocaia na região do Taquari, município de Pau Brasil.

Essas são algumas das violências sofridas por nosso povo durante a luta pela terra.

CAPÍTULO II - LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO TERRITÓRIO PATAXÓ HÃHÃHÃE

Apesar de haver um apagamento das mulheres indígenas na luta do povo Pataxó Hãhãhãe, as mulheres sempre se destacaram na luta, pois na época das retomadas, a comunidade, juntamente com as lideranças, escolhiam várias equipes e encaminhavam para Salvador, Brasília e Itabuna, com o objetivo de articularem a imprensa e parceiros políticos aliados, visando dar visibilidade ao movimento interno.

Enquanto isso, na base, estavam as mulheres plantando, colhendo, vendendo, fazendo farinha e artesanato, se preparando para a luta pelo território. E os maridos estavam se preparando espiritualmente e montando estratégias para que nada viesse acontecer de errado nas ações da conquista territorial. A mulher sempre teve o papel fundamental em todo o movimento de reconquista territorial, pois elas cozinhavam, organizavam as rezas e tohés, e mantinham o ambiente todo agradável.

As mulheres, assim que se casam, assumem responsabilidades desde cedo e são as responsáveis para aprender sobre a cultura, nas práticas diárias principais para manutenção da cultura. A mulher ela é guerreira, sendo o alicerce da família e do homem. A mulher indígena tem um diferencial, já nasce guerreira porque já defende o seu fruto. Nas retomadas, as mulheres sempre estão na frente junto com as crianças.

O preconceito dentro da comunidade era e permanece muito forte, a própria sociedade é patriarcal e na visão da comunidade elas tinham que procriar para aumentar a população. Não podiam usar nenhum remédio de evitar filhos, não podiam estudar, nem trabalhar fora de casa, tinham que trabalhar na roça para manter a família, vendiam nas feiras das cidades vizinhas os produtos que levavam, compravam e traziam alimentos para casa. No período de 1982 a 1999, eram desconhecidos benefícios sociais como salário maternidade, aposentadorias, entre outros.

No ano 2000, a FUNAI, juntamente com PREVMÓVEL (Unidade Móvel de Atendimento da Previdência Social), fizeram um mutirão para o povo poder acessar esses benefícios sociais. Com esses benefícios, melhorou a qualidade de vida das mulheres, pois elas começaram a ter direitos como Salário

Maternidade Rural que amparavam, durante 4 meses, a sua licença das atividades rurais.

Atualmente elas têm desenvolvido um papel fundamental na comunidade, ocupando espaços, sendo o braço direito dos homens e das lideranças. As mulheres começaram a fazer um trabalho junto com CIMI e outros parceiros que contribuíram com essa transformação. Começaram a ter voz ativa dentro da comunidade. Foi quando elegemos uma mulher cacique, uma primeira diretora.

As outras funções são selecionadas através de concurso com base na formação profissional de cada concorrente como: primeira técnica de enfermagem, agente de saúde, advogada, médica, motorista da SESAI e atualmente estamos ocupando várias posições. Mas, mesmo as mulheres ocupando esses espaços, ainda permanece a preocupação dos homens em elas exercerem funções não muito comuns para uma comunidade tradicional como a nossa.

A mulher Pataxó Hãhãhãe tem sido peça fundamental na luta e resistência do Povo Pataxó Hãhãhãe, visto que ela vem mantendo a luta, trabalhando para manter a família, enquanto seus maridos participam da organização da luta territorial. A ela ficava a responsabilidade de rezar, limpar a terra, que era feito em mutirão, plantar, colher, preparar o alimento e, quando tinha condição, iam para rua vender o excedente. Além dessa tarefa, cuidava da casa, das crianças e no período de retomada elas eram quem faziam a comida dos guerreiros e cuidava da vigilância enquanto eles descansavam, bem como rezavam para nenhum mal viesse acontecer.

No aspecto de articulação externa, as lideranças masculinas escolhiam algumas mulheres e mandavam para Salvador e Brasília, bem antes do movimento da retomada começar e a função delas era articular junto aos deputados e parceiros, para que no momento que ocorresse as retomadas eles articulassem juntos aos Governadores: Estadual e Federal, 6ª Câmara de Deputados Estaduais e Federais, visando evitar massacre junto ao seu Povo.

Sendo a mulher Pataxó Hãhãhãe o elemento essencial com relação a todo o movimento territorial, mesmo assim ela era invisível. Diante dessa participação direta na luta e reconquista do território, resolvi pesquisar algumas dessas mulheres e dar visibilidade ao protagonismo da mulher Pataxó Hãhãhãe, como as que serão apresentadas abaixo. Com o intuito de possibilitar que as

entrevistadas tenham sua voz escutadas, optei por abrir uma seção para cada uma delas e transcrever trechos longos das entrevistas.

ELISA MARIA DOS ANJOS

(em memória)

Dona Elisa Maria dos Anjos, nasceu em Catulezinho, em Itapetinga-BA, no dia 12 de junho de 1928. Veio morar no Caramuru aos 10 anos de idade, juntamente com o seu pai, mãe, avó, irmãos e outros parentes que vieram na mesma época. A seguir, teremos o relato de vida dessa guerreira Pataxó Hãhãhãe, que esteve disposta a colaborar com esse trabalho, deixou sua parcela de contribuição em vida, pois transcendeu no mês de janeiro de 2020, deixando um legado de conhecimentos tradicionais oriundos de sua trajetória de vida.



Fonte: Acervo Pessoal

Cheguei aqui quando estava acontecendo a revolta de Fonte. O capitão Vasconcelos que nos trouxe. Inicialmente morei no Mundo Novo, depois com a medição, o lugar que a gente morava passou para o Estado. Aí, o Coronel Vasconcelos, funcionário do SPI, colocou a gente na cabeceira do Mundo Novo. Vivemos muito tempo ai nesse local, aprendi com o meu pai e minha mãe a fazer remédios caseiros. Casei e comecei a fazer partos. Fiz muitos partos, pois antigamente não tinha médico, e o que a gente se valia era das rezas e remédios de mato que curava todas as doenças. Aprendi a pegar menino com duas parteiras, e depois com o médico que a FUNAI mandou para ensinar a gente a cuidar do menino, mais a passar a tesoura no fogo, usar álcool na mão, cortar o umbigo e

amarrar o cordão limpo. Porque a gente fazia tudo isso mais não tinha o cuidado da limpeza. Eles disseram que era para não dá o tétano. Além desse cuidado, eu fazia massagem para a dona do corpo voltar para o lugar, assim como o purgante, e pedia a nossa Senhora do Parto para dar força a mulher que ia parir para despachar sem problema.

Eu também aprendi desde cedo com o meu pai e minha mãe a conhecer as ervas medicinais e fazer óleos, xaropes, garrafadas, purgantes e o CIMI trouxe as mulheres de Salvador, pois a gente tinha um grupo de medicinas naturais aqui na aldeia e elas nos ensinaram a trabalhar com muitos remédios naturais. Eu já sabia um bando, que tinha aprendido com os meus pais e minha mãe, ai eu aprendi muito mais. Hoje eu tenho muita dificuldade com relação à produção de remédios por causa da minha idade que tudo eu tenho que está pedindo os outros para pegar. Eu já ensinei a muita gente a trabalhar com ervas medicinais... elas é quem faz a nossa diferença cultural.

O conselho que eu dou é que a medicina natural é o remédio que vai curar a comunidade, que todos os indígenas têm aprender a fazer remédios para curar diabetes, bronquites, derrames, garrafas para a mulher, massagem, óleo. Eu sempre sonhei que a gente tinha, que a gente deve ter o conhecimento sobre as plantas, ter uma horta e uma farmácia de ervas medicinais na aldeia. Pois eu mando pra fora o remédio que faço, para o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, para tudo que é canto, os remédios que eu faço. Eu tenho prazer de fazer aqui em casa e mandar para quem necessitasse, mais ninguém nunca ligou em fazer isso.



Fonte: Acervo Pessoal

Dona Lizinha era uma mestre dos conhecimentos tradicionais no campo da medicina, cerâmica, cosmologia. Era uma das grandes referências de empoderamento na aldeia. Ficou viúva muito cedo, criou seus filhos e netos, sobrevivendo da agricultura e na terra indígena Pataxó Hãhãhãe. Era uma referência na comunidade como uma médica que domina os conhecimentos tradicionais do nosso povo.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Ilsa Rodrigues da Silva

Ilsa Rodrigues da Silva é atual cacique da Comunidade Indígena Pataxó Hãhãhãe e esteve como forte liderança em todos os momentos de luta pelo território. Esteve no Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal, Advocacia Geral da União, Procuradoria Geral da União, entre outros setores a nível nacional, em busca do julgamento e regularização do território Pataxó Hãhãhãe. Além disso, participa dos movimentos e grupos de costura, medicina tradicional, produção de artesanato e agricultura.



Figura 15 Acervo Pessoal Reunião de lideranças Pataxó Hãhãhãe. Ilsa Rodrigues da Silva está de pé da direita para esquerda.

Eu nasci em Itamaraju, sou cacique Ilsa. Cheguei aqui com a idade de 11 anos, vim acompanhada com o meu avô e minha mãe. Quando eu tinha 13 anos, minha mãe faleceu. Aí, fui criada pelos meus tios e meu avó. Sempre eu vinha acompanhando, vendo a luta dos outros caciques... foi passando... Na época que cheguei aqui, o cacique era Saracura. A história do meu povo do Extremo Sul, pois até hoje muitos da minha família, uma boa parte veio de Minas Gerais, lá de Carmésia, junto com ele, então foi ai que se juntaram . Nós viemos para aqui, eu fui crescendo e vendo a luta dos outros, de Sacura e teve um grande conflito e muitos dos meus parentes foram embora. Com 14 anos eu mim casei com Osmar Julio da Etnia Kamakã. Eu sou Kiriri-Sapuia. Tive 3 filhos homens e

2 mulheres. Porém, como criei uma neta, eu considero como filha. Mas, aí veio as dificuldades. Quando comecei entrar na luta, foi muito difícil para mim porque eu não sabia. Eu era uma pessoa que não tinha conhecimento, não sabia andar sozinha, não sabia ir em Camacã, não sabia andar sozinha, como eu não tinha grau de instrução... Através do grupo de mulheres, a primeira reunião que participei com as mulheres do movimento negro do ITEBE, foi a primeira que participei em Salvador. Depois da reunião do grupo de mulheres, formamos um grupo de mulheres de medicina natural. Aí a primeira experiência que tive dentro desse grupo de medicina natural formado pelos anciões, Dona Eliza e Dona Jarda (falecida), convidaram Maura para participar também aí a família kamakã e kariri sapuiá dentro desse grupo formado, essa organização de mulheres. daí começamos a participar, sair, viajar com outros grupos de mulheres que não eram indígenas, fomos buscar experiências. Formamos um grupo de corte e costura, junto com as mulheres kamakã desse grupo de costura, fomos pegando experiências. Daí foi tirando cada uma para viajar, esse grupo de mulher, elas tinham vergonha de sair, 'ai eu não posso porque tenho muitos filhos', 'quem vai tomar conta de meus filhos', nós tínhamos essa preocupação.



Figura 1 Acervo CIMI- Reunião de Mulheres Grupo de costura- Cacique Ilsa segunda da direita.

Quando fui ao primeiro encontro de mulheres, esse foi o meu primeiro desafio porque elas mim escolheram como coordenadora, para representar elas lá fora. Era muito difícil para mim na primeira vez, eu não sabia viajar fiquei a noite toda pensativa como é que ia chegar em Salvador, como seria meu desenvolvimento lá, pois era uma responsabilidade muito grande pois tinha que trazer o retorno para elas de volta. Aí, foi quando eu participei com muito medo, muita preocupação

mas consegui alcançar os objetivos, passando o recado para elas, o grupo de mulheres. Depois disso, fazia parte da organização de mulheres, daí passei a representar política da mulher. Foi quando eu participei, eu e outras mulheres de Itaju do Colônia, apelidada por Guelene, ela fez parte junto, que era uma política com a Deputada Estadual Alice Portugal. Foi aí que passamos a defender o nosso direito como mulher. Depois disso tudo veio o grande desafio que foi ser liderança. Essa foi a carga mais pesada ainda do que eu imaginava... foi quando eu fui escolhida para ser liderança. Neste momento, as coisas saíram bem diferentes... quando você é representante só de um grupo de mulheres é uma coisa lá fora.... é mais fácil para mim do que o desafio de ser responsável como cacique na questão territorial.

Foi minha primeira experiência dentro deste contexto. Muitas vezes eu e meu esposo discutíamos porque eu como mulher deixar meus filhos em casa e deixar tudo para trás e passar 17 a 20 dias fora de casa. Mas, eu consegui. Além disso, eu viajava e chegava 12 ou uma hora da manhã. Muitos homens dizem que 'você tem muita coragem', pois quem conhece o lugar aonde eu moro, sabe que é de difícil acesso. Podia estar fazendo sol ou chuva, à noite, eu tinha que chegar em casa, pois eu tinha filhos pequenos... ao todo 5 filhos. Quando eu comecei a ser liderança, a minha filha caçula Ayri tinha 4 meses. Todos os lugares que eu ia, tinha que levar ela... viajava para Salvador, Brasília tudo com a menina ao lado, até chegar ao ponto de estudar, pois para ela não perder aula, eu tinha que deixar com a tia.

Muitas vezes eu sentia preconceito e discriminação. Os homens diziam que mulher não era capacitada e não podia assumir liderança, porque o lugar de mulher era na cozinha tomando conta de seus filhos e marido. Mulher não podia ser líder de frente de retomada, embora nas retomadas a mulher estava na luta com o homem. Mas, eles achavam que não. No entanto, na luta do território era as mulheres e as crianças que estavam na frente. Mais quando a mulher está no poder a coisa muda. Aí eles dizem que não somos capazes e é nesse momento que temos que mostrar a nossa capacidade... eu falo isso com muita firmeza e segurança.

Teve uma retomada aqui na Iracema que as mulheres que retomou Lurdes, Diolina, Dona Lizinha, Gildinai, Zelia, Marineuza, Ilsa, Leonoura, todas essas mulheres tiveram a coragem de reunir no dia de natal aonde todos estavam em festa. Nós, mulheres, somos fortes, temos o poder de

decidir e quando a gente se organiza juntas, nós conseguimos o que queremos. Então, é importante sabermos valorizar a nós mesmas porque muitas vezes as mulheres se sentem incapazes e acham mesmo que não tem o potencial. Portanto, quero dizer para todas as mulheres indígenas Pataxó Hãhãhãe que somos capazes, somos capacitadas e temos poder de conseguir o que desejamos, aquilo que nós queremos.

A participação da mulher Pataxó Hãhãhãe foi fundamental na reconquista territorial. Em 1993 retomamos 5 fazendas que foram Nova Vida I e II, São Sebastiao, Bom Jesus e Paraíso. Nessa retomada quem estavam de frente eram as mulheres. Nesse período, o governo do estado da Bahia mandou 300 policiais para nos retirar da terra. Eles chegaram agredindo a todos e todas. Em estava grávida fui espancada e quando acordei estava em um posto de saúde com uma acompanhante que era Kaega e por motivo de segurança da vida dela foi retirada, fiquei sozinha até recuperar um pouco. Quando eu acordei, o povo da cidade dizia: índio tem que morrer! Índio é ladrão. Quando eu retornei já tinham tirado todos e todas parentes da terra... eles agiram de forma violenta.

Em 1997 retomamos a área que tínhamos entrado em 1994, pois ganhamos um agravo na justiça em Brasília para manutenção de posse. Nossos advogados, que eram doutor Paulo e Doutor Valdir Mesquita, tinham entrado na justiça em 1993 com uma ação de manutenção de posse para retornarmos as terras. Ganhamos no Supremo Tribunal em Brasília. No entanto, em Itabuna-BA, a justiça não queria executar. Foi quando reuniu um grupo de lideranças que foram a Brasília reivindicar o cumprimento do agravo... foi quando os 5 jovens cometeram o crime bárbaro com Galdino. Atearam fogo nele vivo, isso aconteceu em Brasília no dia 20 de Abril de 1997.

No dia que chegou o corpo dele, a comunidade toda se reuniu e decidiu que iríamos retomar as 5 fazendas as quais tinham saído em 1993. Neste período houve muitos ataques e violência, mesmo com a polícia federal presente aconteceu muitos ataques promovido pelo Grileiro Marcos Venicius (Marcão)... vários jagunços tentaram entrar na área... aí ocorreu a resistência da comunidade.

Em 1999 a comunidade decidiu retomar mais áreas. Neste momento aconteceu um movimento ainda maior, foi quando retomamos a Serra e quase toda região do Mundo Novo. Neste período, houve a morte de dois policiais na divisa da aldeia. Foi atribuído a nós indígenas por essas mortes... ficamos encurralados... teve invasão grande na área indígena

no Caramuru. Eles invadiram as casas de mulher parida, anciões e muitas pessoas achavam que iam morrer. Ficamos encurralados, não podíamos comprar, vender e nem sair, pois éramos ameaçados pela polícia militar e jagunços. Quem estava fora ficou e quem tava dentro não saiu. Eu e Marilene tínhamos sido escolhidas pelas lideranças para articular juntos com os políticos e parceiros o movimento em Salvador. Outra equipe foi para Brasília, Pompa e Maria Mello. Quando estávamos em Salvador e Brasília, não podíamos mais retornar para a Aldeia. Estava tudo tomado de policiais... então, tínhamos o papel de pedir socorro para a comunidade junto com os políticos aliados que foram na época os deputados Alcides Modesto, Zilto Rocha, Luis Alberto, Aroldo Lima, Moema Graamacho, Nelson Pelegrini, Yulo Oiticica e outros que eu esqueci.

Se não fosse eles, não tínhamos sobrevivido, pois a política lá fora era muito forte junto ao governador do estado da Bahia, Paulo Souto, que era aliado de Antônio Carlos Magalhaes. Então se não fosse a ajuda dos nossos aliados, nós não tínhamos alcançando a conquista do território. Quero ressaltar que mais de 30 lideranças tombaram aqui na luta e que não houve repercussão na mídia nem local, nacional, regional e nem mundial.



Fonte: Acervo Pessoal

Galdino só foi um caso.... por causa do preconceito, muitos foram tombados na luta pela terra. Passou esse período foi quando veio a ação maior... aí veio muito luta... o julgamento da ação maior ACO320.

Me lembro de seu Antônio Júlio que foi atirado na região do Caramuru por jagunços de Marcus Wanderley. Nossa história é de muita luta e perca.

A mulher Pataxó Hãhãhãe continua na luta... sentimos muito o nosso empoderamento quando nos reunimos com o ministro Eros Grau quando ligou para a FUNAI e para o CIMI, quando queria a nossa presença em Brasília. Eu mim lembro que eu estava lavando roupa e como eu tinha pouca roupa tive que seca colocando a corda no fumeiro para secar a roupa para viajar. Como não tinha celular e nem carro, recebíamos recado através do orelhão que era o único meio de comunicação interno que era localizado na Sede do Caramuru. Mazão chegou e disse: "Ilsa o Ministro do Supremo Tribunal Federal Eros Grau exigiu a presença das lideranças indígenas Pataxó Hãhãhãe em Brasília na segunda feira. Nós tínhamos que providenciar carro, dinheiro e alimentação, pois tínhamos que estar em Brasília 18 horas sem falta. Aí a gente teve a primeira reunião com o Ministro Eros Graus... aí todas as lideranças ali presentes tiveram oportunidade de dizer o que nós sentíamos a ele. Ele sentiu que necessita do nosso território. Ele disse: 'eu vou fazer algo por vocês... saibam que não depende só de mim. Assim como vocês tem uma cacique", brincando comigo, "eu também tenho uma cacique e preciso conversar com ela, mais eu vou fazer algo que o mundo inteiro vai ver." E naquele momento era um agravo regimental. Esse foi o meu primeiro desafio que eu tive porque antes eu só tinha reunião com parceiros, mas nunca com uma autoridade como o Ministro do Supremo Tribunal Federal. Uma coisa é com quem a gente conhece, como os parceiros, e outra é com autoridade. Ele disse que tinha uma ação no agrave regimental que impedia ação maior para julgamento e nulidade dos títulos. E quando foi no dia 10 de Novembro de 2006, saiu a decisão do agrave regimental que tinha impacto na ação maior que era da nulidade de títulos e ele fez. Quando em setembro ele marcou outra reunião, aí foi um peregrinação... nós lideranças passamos de gabinete a gabinete... passamos pelos 10 ministros para sensibilizar por nossas causas... em que o relator do processo ministro Marco Aurélio, que não gostava de

nós, então foi para a pauta do julgamento, nós conseguimos dois ônibus de pessoas. Quando chegou lá, iniciou o julgamento.

Quando o Ministro Eros Graus deu o parecer favorável, o Ministro Alberto Menezes pediu vista do processo por dois anos. A comunidade começou a fazer retomada no nosso território... nós, enquanto lideranças, tínhamos o papel de pedir para esperar para a decisão do Supremo Tribunal Federal. Quando falávamos no meio, nós sabemos que tem uns que nos ouve e outros que avançam. Nesse período, adoeci, passei 2 anos doentes, melhorei e dei continuidade novamente... voltei de novo. Foi no período da Ação, nós estávamos preparando para irmos para Brasília, quando o Supremo Tribunal Federal nos fez uma Suprema... isso diante dos conflitos que estamos em nosso território nós já tínhamos conversados com a ministra Carmem Lucia e Rosa Werber. Antes faziam um trabalho de formiguinha junto com as entidades parceiras, Doutor Paulo Machado, advogado do CIMI, ele fez o trabalho de conversação com cada Ministro. No dia 02 de Maio de 2012, foi julgada a Ação de Nulidade de Títulos. Ganhamos o nosso território. Por isso que digo que nós mulheres tivemos e temos participação direta e que somos empoderadas, temos muita força e somos capacitadas.

EDENISIA PEREIRA DOS SANTOS

Edenísia Pereira dos Santos é primeira diretora do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru. É formada em Licenciatura Intercultural Indígena pelo IFBA-Porto Seguro, na área de Ciências da Natureza. Abaixo segue o relato de sua vida:



Fonte: Edenísia

Sou Edenisia Pereira dos Santos, Pataxó Hãhãhãe, sou gestora do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru Paraguaçu, tenho 38 anos, sou filha de Evanir Pereira dos Santos, índia e filha de Domingos Rodrigues dos Santos e Emília Alves dos Santos, são Pataxó Hãhãhãe da Etnia Kariri Sapuia... são meus avós. O que tenho de dizer a vocês é que sempre fomos pessoas humildes. Minha mãe sempre trabalhou para formar as filhas no papel que pudesse trabalhar dentro da comunidade. Sou a 3ª filha mulher dela... tem mais duas que também são professoras. E ela sempre nos incentivou a estudar, a trabalhar, ser independente, por que ela não conseguiu ter estudo, mais sempre foi mulher guerreira, trabalhadora, e sempre lutou pelos seus objetivos. Passamos por uma vida sempre de pessoas humildes respeitando o próximo, lutando e ocupando seu espaço. Nós morávamos em Teixeira de Freitas, depois

que meus avós foram expulsos da terra antes da retomada, expulso pelos antigos dono do Caramuru, que se auto determinava dono. Minha mãe teve que ir morar em Teixeira de Freitas com os meus avós. Lá foi onde nascemos, só que minha mãe sempre batalhou e lutou como agricultora e feirante e com isso nos sempre viu o interesse dela trabalhar na agricultura.

Em 1982, eu nasci... ela já tinha minhas outras irmãs e irmão. Foi quando aconteceu a retomada daqui da São Lucas. O cacique da época Saracura, que é primo da minha mãe, convocou o meu avô para retornar, também junto com eles para aqui, e aí... com toda a luta pelo território, a gente cresceu vendo como era a luta pelo território. Meu avô dizia que tínhamos que ocupar nosso espaço respeitando as pessoas, mais não deixando sempre de ser pessoas que fossem independentes... então crescemos nisso. Sempre trabalhamos. Eu me casei nova, aos 14 anos, casei com meu esposo que também é filho de índios da mesma etnia Kariri Sapuia, e nós sempre lutamos por esse espaço território indígena. Em todas as retomadas estamos presentes... Continuei meus estudos com muita dificuldade, mais continuei os estudos.... tive a minha filha aos 17 anos. Quando estava casada, mesmo assim não fui impedida de continuar estudando e trabalhando. Trabalhando na lavoura e na agricultura, produzíamos hortas... no período em que não estava trabalhando como professora... porque eu comecei a trabalhar na sala de aula em 1997, no mesmo período que estava grávida, trabalhava no plantio da horta com o meu esposo... no sábado estava na feira de Pau Brasil-BA vendendo hortaliças, que era produção nossa. Nunca foi impedida de continuar meus estudos... ele sempre me apoiou e continuamos a frequentar a escola mesmo com tanta dificuldade, indo para a escola de Pau Brasil à pé... muitas vezes íamos a pé porque não tínhamos transportes. Andamos 12 km à noite enfrentando conflitos de retomadas e preconceitos... mesmo assim, continuamos.

Graças a Deus concluímos. Hoje sou formada, fiz o curso de PROFORMAÇÃO de professores, fiz curso de pedagogia, cursei a licenciatura intercultural indígena no IFBA – Porto Seguro, e fiz vários cursos para formação de professores indígenas... sou licenciada, por graduada, todos os cursos e temáticas são referentes Educação Escolar Indígena. Atualmente, estou hoje como gestora, porque fiz o concurso para a Rede Estadual da Bahia em 2010, fui eleita pela comunidade escolar para trabalhar na gestão da escola como vice diretora indígena,

mais ainda não era concursada, mas de 2010 venho prestando serviço para a comunidade como gestora. Trabalhava com outro diretor que não era indígena... mas dentro da comunidade, eu representava a gestão da escola e ele era só o representante do estado... mas foi até 2014. Quando houve o concurso fui uma das aprovadas nas 13 vagas, fui uma das classificadas nesse concurso para professores indígenas no estado da Bahia. E novamente houve a eleição, ganhei e fui empossada como a primeira mulher gestora indígena do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru Paraguaçu da Rede Estadual da Bahia. Atualmente ainda estou nesse trabalho... estarei até o dia que a comunidade aceitar o meu serviço.

CÉLIA DOS ANJOS SILVA

Célia dos Anjos, professora, agricultora, motorista profissional, mãe.

Ela é uma referência enquanto mulher por quebrar paradigma entrando no campo profissional. Até então a função de motorista era ocupada por homem. Isso gerou na comunidade uma grande polêmica porque a nossa sociedade é tradicional e machista. Esse fato mexeu muito na cabeça de toda a comunidade e ela abriu espaço para a inserção da mulher indígena Pataxó Hãhãhãe nesta área.

Célia é também professora do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação Infantil. É uma mulher fora do padrão das mulheres Indígenas da Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu por desenvolver atividades fora de casa e ser uma pessoa empoderada.



Fonte: Acervo Pessoal

Sou Celia dos Anjos Silva, indígena Pataxó Hãhãhãe. Vou contar como se deu a minha ida e vinda para que entendam como foi esse processo. Nas décadas de 40 e 50, os indígenas da Reserva Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu

foram expulsos pelos fazendeiros que começaram a entrar na reserva indígena através do processo de arrendamento de pastos pelo SPI. Todas as famílias tiveram que sair daqui da reserva e foram para os arredores. Uma dessa foi a minha família na pessoa do meu avô José Cabloco que saiu daqui e foi para Itapetinga-BA, permanecendo ali por um bom tempo. Depois foi para Maiquinique e finalmente se instalou na cidade de Babata. Ali viveram por muito tempo e foi onde a minha mãe conheceu o meu pai e casaram-se. Minha mãe é Lindaura dos Anjos da Etnia Kamakã, meus pais trabalhavam braçalmente por muito tempo. Certo dia meu pai recebeu uma proposta de trabalho em Belo Horizonte, ele seguiu viagem e foi trabalhar. Minha mãe ficou um tempo em Itabatã, teve dois filhos. O meu pai veio buscar e foi morar em Belo Horizonte. Ela se instalou por lá e meus irmãos. Em seguida nasceu eu e meu outro irmão. Como passamos a morar distante dos familiares da minha mãe e não tínhamos condição de visitá-los, perdemos o contato com o tempo que passou.

Ela também conta que 1982 ocorreu a primeira retomada aqui no Caramuru, grande parte da sua família começou a vir morar aqui. Na década de 90, seu tio Leordino faleceu aqui na aldeia e era muito difícil chegar na comunidade e devido à dificuldade financeira, as notícias demoravam muito a chegar. Então, sua tia Elisa foi dar a triste notícia em Belo Horizonte. Ela levou uma fotografia do irmão e a partir daí sua mãe começou a falar que ela era indígena. Até aí ela não tinha informado seus filhos sobre a sua identidade étnica. Com a chegada de sua tia Lizinha, elas falaram que o avô dela era uma liderança de grande importância na comunidade, tinha o papel de delegado. A partir daí, eles passaram a se identificar como indígenas, embora morando fora da comunidade. Mas, na primeira oportunidade eles regressaram para aldeia.



Figura 2 Célia dos Anjos. Blusa preta no canto direito da foto. Participando de uma reunião em 2010, na retomada na região dos 25.

Sua mãe, Lindaura Maria dos Anjos, passou a produzir e vender artesanatos indígenas no Parque Municipal na Praça Sete, em Belo Horizonte. Com esse dinheiro, ela ajudava a criar os quatro filhos. Também começou a trabalhar em casa de família. Nas noites e nos finais de semana, ela vendia artesanatos. Ela foi muito guerreira passando a memória, falando como seu pai lidava com a terra e festas tradicionais. Através destas memórias, eles passaram a valorizar a cultura. Ela costumava cantar e dizia que os irmãos dela eram muito bons de lançar arco e flecha.



Figura 3 Célia dos Anjos. Retomada Região do Rio Pardo

Célia segue comentando:

Então como passou muitos anos, em 2001 minha mãe estava em uma condição econômica melhor e mim convidou para visitar a minha tia Lisinha e conhecer a terra que os seus ancestrais tinham vivido. Minha mãe disse “vamos conhecer o lugar onde mora meus irmãos mais velhos, como vivem”. Então veio eu, minha mãe, Sandra, filha de Tia Lourdes, vinhamos conhecer nossos parentes.

Como Célia tinha o Ensino Médio completo e observando que tinha oportunidade de trabalhar e estudar, sua mãe lhe perguntou se ela queria permanecer na aldeia, e resolveu ficar com o objetivo de conhecer a maneira como seus parentes viviam e adquirir conhecimento nas experiências vividas por eles. Voltou a estudar e cursar o magistério, curso que tinha a duração de quatro anos. Como não tinha Ensino Médio aqui na Aldeia, passou a estudar no CELEM (Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães) em Pau Brasil-BA. Andavam a pé, de ônibus, carona. Enfrentavam muitos tipos de preconceitos por morar na roça e serem indígenas. O conflito fundiário nessa época estava acirrado e todos eles corriam perigos por parte de jagunços e de fazendeiros. Eram muitos perseguidos quando chegavam na escola, as pessoas olhavam de baixo para cima e falavam que as pernas estavam sujas de poeira ou lama, que eram comedores de abóbora, ladrões de terra. Na realidade eram mal vistos.

Nesse período, todos os dias aconteciam retomada, portanto, o clima na cidade de Pau Brasil não era bom e todos estudantes enfrentavam perigo com a pistolagem.

As pessoas da cidade não respeitavam os indígenas... esses eram muito perseguidos. Porém, tínhamos que estudar porque a aldeia necessitava de profissionais para atuarem na educação e saúde. Então, necessitamos enfrentar as dificuldades e vencer andando a pé manhã, tarde e noite. Sempre expostos a vários tipos de violência como pistolagem, preconceito. Certo dia queimaram nossa Kombe e o nosso ônibus, sendo que em seguida atiraram e apedrejaram em outro ônibus nosso. Todas essas ações eram para nos amedrontar e desistirmos de estudar. No entanto, continuávamos, pois a comunidade precisava do nosso conhecimento e tínhamos que enfrentar as dificuldades. As pessoas tinham nojo da gente. Portanto, vivíamos exposto a discriminação e o perigo de vida. Em 2012, retomamos toda a nossa área e nesse momento o STF julgou a ação anulando os títulos dos fazendeiros. Nisso tudo, a gente passa a desenvolver por instinto de sobrevivência e de se proteger, não abaixar a cabeça para determinados medos e dificuldades e enfrentar os problemas que aparecem com muita coragem. São essas funções que, enquanto mulher devemos assumir dentro da comunidade. Mas, também saber lidar com os perigos que estão em nossa frente. As mulheres da nossa aldeia, enquanto os maridos estavam na guerra, assumiam a família cultivando a lavoura, vendendo os produtos e trazendo o que comer em casa, além disso, mantendo a luta. Então, a gente viveu tudo isso, eu vivenciei essas experiências o que fortalece muito a gente. Aprendi a valorizar muito as histórias do outro, muitas mulheres guerreiras. Então, a gente acaba aprendendo com os outros, com essas matriarcas que devemos e temos que assumir determinadas ações sem medo inclusive funções que na nossa comunidade pertence ao homem. Eu enquanto aprendiz e observadora das experiências que existem, a gente passa a ter um outro comportamento diante da comunidade, não só como mãe mais como mulher. Temos dificuldades em assumirmos com coragem as funções que a gente percebe que damos conta. Não temos mais medo e a gente acaba assumindo e a gente começa a fazer parte daquilo.

Então como mulher indígena empoderada, eu mim sinto diante de tanto machismo. Acho que é uma afronta no direito das mulheres em poder ser de realizar seus sonhos e suas vontades. A gente enquanto mulher

indígena já assumi a família e o lar, mais enquanto mulher ser humano nós temos nos sonhos e nossas vontades.

Em 2009 surgiu a oportunidade de fazer o primeiro vestibular licenciatura Intercultural Indígena da UNEB. Sou concursada do Município trabalho na creche da cidade e no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru.



Sabemos que temos muita dificuldade. Então, como meu pai era caminhoneiro e eu era apaixonada pela profissão dele, resolvi tirar a habilitação e concorrer na seletiva da SESAI, pois um dos meus sonhos era trabalhar como motorista. No momento que eu tinha oportunidade, participei da e fui muito bem colocada. Fiquei muito orgulhosa disso e fui convocada para trabalhar na SESAI como motorista.



Queria conhecer o mundo e essa era a oportunidade. Eu queria muito isso para a minha vida visto que meu pai sempre falou que devemos exercer várias atividades e isso mim aguçou a curiosidade de participar dessa seleção. Então passei a assumir a função de motorista das 18 às 06 da manhã. Foi muito difícil, pois eu mulher casada com 3 filhos trabalhando à noite como motorista, muitas pessoas passaram a perguntar: como vai perguntar a sua família. E o marido? já que eu ia trabalhar manhã tarde e noite. Como eu iria me virar com essa carga horária? Algumas pessoas faziam piadas: como eu ia trabalhar à noite se já trabalha de dia? Era muita confusão. Já colocavam muitas indiretas por eu assumir essa função de motorista.

Era uma realização minha, era uma coisa que eu precisava fazer. Eu sempre ouvi meu pai dizer que assumir várias funções era muito legal, importante e que fazia parte do crescimento e desenvolvimento pessoal. Aquilo era muito legal para mim, eu tinha que assumir essa função, pois estava valorizando a memória dele. Sendo que ser motorista aqui na aldeia não é uma profissão exclusivamente feminina então foi uma queda de paradigma e eu ainda trabalhar a noite. Para muitos homens não cabe isso na cabeça. Isso era uma afronta para o mundo masculino, pois além de eu ter outras funções, ainda querer uma outra. Você dar conta disso tudo, gerou muito preconceito, muitas frustrações do lado masculino. Uma mulher assumir funções... as frustrações deles traz para você uma sensação de perigo. Diversas situações podem acontecer, muitas mentiras. De motorista a gente acaba virando vítima das conversas e vítimas de outros perigos de colegas de trabalho, mesmo por maldade e por muitas coisas. Isso porque a mulher profissional afrontou o espaço masculino. Para mim, não é afronta é ousadia. A gente que é mulher, às vezes, exerce função de mãe, professora, esposa, motorista, e então cai lá em uma função extremamente masculino. A gente assume essas funções para realização pessoal e também para a necessidade de ter uma renda a mais para mim e minha família, ajudar meu esposo e meus filhos. Conversei com eles e pedi que mim ajudasse.

Meu marido ouvia piadinhas dos colegas: que eu não ia trabalhar e se ia exercer outra função extra era trai-lo. No entanto, ele foi compreensivo, viu que aquilo não era um capricho meu. No início nem tanto mais depois foi compreensivo.

OLINDA MUNIZ SILVA WANDERLEI

Olinda Muniz Silva Wanderlei foi a primeira Jornalista Pataxó Hãhãhãe e contribui na divulgação da luta Pataxó Hãhãhãe, através dos veículos de comunicação da internet. Abaixo um pouco do relato de sua vida, luta e resistência.



Fonte: Acervo de Olinda Muniz Silva Wanderlei

Eu sou Olinda Muniz Silva Wanderlei, tenho 29 anos, indígena da Aldeia Pataxó Hãhãhãe. Esse povo é composto por várias etnias, eu faço parte do tronco do Povo Tupinambá, que veio de Olivença pra cá, mas eu nasci na Aldeia Pataxó Hãhãhãe, apesar de ter tronco Tupinambá. Falar um pouco da minha infância é remeter à minha vida passada. Eu cresci aqui nessa aldeia, eu sempre estive aqui. Como referência de mulheres, a primeira referência era a minha avó, embora ela tenha morrido eu ainda tinha 3 anos de idade. Mas, a minha mãe sempre conversou comigo com relação a vida na aldeia, como plantar, como cultivar a terra. A minha mãe era casada com outro homem. Esse indígena chamava-se Luís. Eu me lembro que ele chamava a gente para plantar na roça. Depois, conheci Samuel... ele não era indígena e a gente se casou. Nesse período que eu era mais nova, sempre participei de retomadas que é esse processo de conquista do Povo Pataxó Hãhãhãe e que foi expulso dessa terra.

Em 1982 reiniciou a luta para voltar para a terra. Nesse processo não era nascida ainda. Assim que fui crescendo, estava no auge dessa reconquista, eu enquanto criança participava da retomada, pois a mulher indígena leva seus filhos para o movimento. Fui crescendo, participando da retomada. Depois que eu me casei, terminei os estudos e fui estudar fora. Morei um tempo na Chapada Diamantina, depois fui fazer jornalismo, faculdade de comunicação social. Nesse processo da escolha do curso, o que eu queria fazer, foi justamente na verdade pra poder ajudar o Povo Pataxó Hãhãhãe.

Eu achei que aquele era o momento oportuno para poder ajudar. Tinha muito problema com a mídia, a mídia sempre botava os povos indígenas como baderneiros, como os que estavam roubando as terras, porque a mídia tradicional até hoje faz isso, de botar o povo indígena como arruaceiros, aqueles que está fazendo uma coisa que é errado, que está tomando as terras. Na verdade, reforçando o imaginário do não índio das pessoas que não conhecem o movimento indígena e o histórico do indígena para poder colocar a comunidade nacional contra os povos indígenas.

Então estudei jornalismo em 2012, quando a gente estava retomando a última porção de terra que é aqui na parte do Rio pardo, a parte do Itaju do Colônia. Eu fiz uso disso, eu ainda não tinha terminado o curso mais eu abri um blog chamado lawã Tupinambá que foi aonde eu usei para poder contar todas essas histórias do que realmente estava acontecendo na comunidade Pataxó Hãhãhãe. Durante esse período tinha dois tipos de notícias: do Branco dizendo que a gente estava invadindo terra ou era aquela notícia dada pelas notícias. Então, pensei vamos ter um canal onde terá uma indígena que está lá dentro e que sabe o que está acontecendo: esse foi o meu objetivo.

Então, eu criei Blog lawã Tupinambá e nesse blog eu publicava tudo que estava acontecendo em relação às retomadas. Na verdade, durante esse período comecei a trabalhar com isso, com o blog e fazer essas divulgações, além das minhas experiências como indígena de participar da retomada. Eu tinha um canal direto com as pessoas, então poderia ligar as pessoas quando eu escrevia e colocava no Blog.

Aí, consegui ganhar a ACO312, não era para dizer se a terra era indígena ou não, o que estava sendo julgado era o título, a nulidade de título da terra que tinha sido doado pelo governo do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães e Roberto Santos. Tinham dado títulos de terra a fazendeiros dizendo que a terra pertencia aos fazendeiros, foi quando eles doavam esses títulos, quando na verdade eles não poderiam. Essa terra é indígena, não poderia ser passiva de doação de título. Então a gente ganhou.

Em 2015, eu terminei o curso. Eu poderia escolher o que apresentar no TCC, poderia apresentar jornal, revista, cartilha, livro sobre qualquer tema que eu quisesse. Escolhi fazer um documentário sobre a vida de Nailton, enquanto líder. Ele é meu tio, mas porquê eu escolhi Nailton? Porque eu conhecia ele, também sabia e queria fazer um recorte como líder indígena. Temos e tivemos vários líderes. O povo Pataxó Hãhãhãe é composto de várias etnias, tem mais de um cacique, mais de um líder, um monte de mulher, mulher cacica também. Apesar da mulher Pataxó Hãhãhãe, eu sempre falo do feminismo indígena, elas são generosas, é um feminismo comunitário, ela não faz questão de se aparecer. Não é como a mulher branca que diz quero ser igual ao homem, luta pelos mesmos direitos. A mulher indígena não. Portanto, é um feminismo comunitário, ela trabalha para a comunidade. Esse é um exemplo, a gente sente o poder da mulher indígena se abre para participação comunitária ao fazer, ao ajudar. A mulher indígena não se limita a família, o filho dela. Ela faz o feminismo comunitário, se doa, quando ela vê que a comunidade precisa e que aquilo vai fazer bem para a comunidade, ela abraça aquela ação. Acho muito difícil para o homem se você fala com o homem ele fala é legal e tal, mas tem a diferença. Essa diferença da mulher indígena e da mulher não indígena não estou desmerecendo em nada. Mas, assim, mais essa percepção de mundo mesmo, nós, enquanto mulher indígena ganhamos muito com o feminismo porque a gente sabe que no passado as próprias mulheres indígenas não saíam muito de casa. Tinha aquela coisa de ficar mais dentro de casa, cuidando dos filhos, mas com o passar do tempo, até em ouvir outras mulheres não indígenas falando do feminismo, que precisava sair, as mulheres indígenas começaram a sair, eu preciso sair, eu preciso representar o que a minha comunidade vive aqui fora... levar essa linguagem. As mulheres indígenas na verdade elas convencem o homem, mesmo aquele homem chato que diz você não vai sair não, que aquele homem machista, que chega um tempo que ela mostra a necessidade. Acho que essa é a força da mulher indígena, e hoje de cada uma das mulheres que a gente vê aqui nas comunidades que está dentro de suas casas que trabalha para sustentar os seus filhos, muitas vezes os pais deixam, né, largam as mulheres grávidas e vão embora e não dão assistência nenhuma. Essas mulheres estão aí cuidando dos seus filhos, batalhando, criando seus filhos sozinhas, e não é só um caso. Tem vários casos de mulheres que não estudam, mas não dependem de ninguém, tem a sua autonomia. As mulheres indígenas se mostrando cada vez mais independente, visto que as mulheres estão correndo atrás... muitas saem da aldeia. Quebrou essa fronteira, estão estudando fora daqui, é uma questão relativamente nova. Temos que lembrar disso sempre.

Os povos indígenas passaram a se integrar, a entrar na universidade depois do governo do PT entrou no poder, do governo Lula, que abriu esse precedente da gente poder ter acesso na faculdade, porque antes não tínhamos.

Eu lembro quando eu era pequena e não questionava o que eu queria ser quando crescer... Hoje em dia você vê que os nossos jovens tem outras opções... hoje em dia uma mulher indígena pode pensar quando terminar o 3º ano o que é o que vou fazer... ai podem ser jornalista, médica, professora, advogada, técnica agropecuária, técnica em agroecologia... tem várias opções de cursos que está surgindo que as meninas tem se interessado e abrindo essa possibilidade... antes não existia.

Depois terminei a faculdade, voltei para a aldeia.... eu pensava que ia fazer, o que eu ia trabalhar, só com o jornalismo.... abrir um blog e ficar escrevendo... mas depois percebi que não era uma realidade de sobrevivência de vida aqui em Pau Brasil. Nessa região não tinha como eu ganhar dinheiro e me sustentar, fiz jornalismo, mas acabo ganhando mais como documentarista. [...]

No processo do projeto Kaapora, que veio um projeto de reflorestamento e Educação Ambiental, então a gente começou com a parceria com a escola, porque o principal público que vem e que iniciou foi com os meninos da escola, apesar de ser aberto para toda a comunidade. Acho que a principal coisa desse projeto é tentar reunir a comunidade e o principal ganho desse projeto é se a gente conseguir que as pessoas aderir essa ideia de fazer área de proteção ambiental dentro de suas áreas, dentro do território indígena fazer essas áreas de proteção ambiental

Na época, que eu não estava morando aqui tive acesso ao regimento interno... a comunidade tinha esse desejo que tivesse área de proteção ambiental dentro do território. Na verdade, eu sou a pessoa que resolveu iniciar e botar isso em prática, porque às vezes é difícil... as pessoas criticam ou não porque o outro não faz. [...] Então, nesse processo todo as mulheres indígenas são fundamentais e sabem, porque a gente tem esse cuidado de pensar no outro e de cuidar do outro. Eu acho que essa terra que a gente está aqui hoje é uma terra que sabe o que vou deixar para futuro.... se a gente conseguir realmente reflorestar isso aqui e vê que o riozinho que está ali embaixo voltar a correr... A gente está falando que está muito seco, mas o que a gente está fazendo para mudar isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desde percurso é dar visibilidade para as mulheres indígenas aldeadas Pataxó Hãhãhãe da Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, que sempre lutaram e lutam juntamente com seus familiares, visando à reconquista e organização do território, ampliando e mantendo a cultura com todas as forças, contra o preconceito diante das atividades as quais desenvolviam e desenvolvem dentro da comunidade indígena Pataxó Hãhãhãe.

Diante ao exposto vou destacar a importância de cada uma das entrevistadas na luta para reconquista do território e a reorganização territorial.

A entrevistada Elisa Maria dos Anjos (Dona Lizinha) desde pequena ela participou juntamente com seus familiares de toda a demarcação da TI Caramuru Catarina Paraguaçu. No início do Século XX, foi agricultora, conselheira da comunidade Pataxó Hãhãhãe, liderança, parteira, rezadeira, ceramista, tecelã e artesã e mestra dos conhecimentos da medicina natural. Contribuiu muito na luta e reconquista territorial, sendo modelo de resistência para o Povo Pataxó Hãhãhãe.

Por sua vez, a entrevistada Ilsa Rodrigues da Silva iniciou na luta territorial desde pequena, participando ativamente nos grupos de mulher em várias atividades como medicina natural, costura, artesanatos, agricultura, liderança e, posteriormente, como cacica da comunidade Pataxó Hãhãhãe, no momento em que o movimento era intenso. Participou de reuniões com parceiros e lideranças políticas em nível nacional bem como junto aos juízes do Supremo Tribunal Federal, visando sensibilizá-los para que o julgamento da terra fosse favorável ao Povo Pataxó Hãhãhãe. Apresentou-lhes documentos da Terra, achados arqueológicos, relatórios antropológicos entre outros documentos que comprovam nosso direito sobre a TI Caramuru Catarina Paraguaçu. Ela é uma referência como cacique, guerreira e mulher empoderada.

A entrevistada Edenisia Pereira dos Santos desde pequena viveu a luta e a resistência do Povo Pataxó Hãhãhãe. Foi agricultora, estudou e conseguiu se graduar e hoje exerce a função de Diretora do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru. É uma mulher e liderança empoderada.

Também a entrevistada Celia dos Anjos engajou-se na luta da reconquista territorial, participando ativamente das retomadas, da prática dos rituais. Como

professora teve um papel fundamental na ampliação cultural e desafiou a comunidade masculina tornando-se a primeira motorista da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena). Enfrentou vários preconceitos de todos os tipos, porém, resistiu e estimulou a outras mulheres a aprenderem a dirigir e pilotar moto. Hoje a maioria das jovens mulheres são autônomas quanto à questão de locomover-se. Essas mulheres hoje são também vistas como empoderadas.

Por fim, a entrevistada Olinda Muniz Wanderley nasceu, conviveu e estudou aqui na comunidade até quando casou-se e concluiu os estudos em Salvador, graduando-se em jornalismo, no período da luta pelo território. Ela veio para a comunidade divulgar com o olhar indígena o movimento da luta pelo território. Com as suas divulgações nas redes sociais, contribuiu para as entidades que nos apoiam tivessem conhecimento do que estava acontecendo internamente. Fundou também uma ONG intitulada KAAPORA tendo como finalidade a proteção ambiental do território.

Entre tantas mulheres que compõem o Povo Pataxó Hãhãhãe, muitas outras se destacam. Dentre elas, a professora Gildinai Gualberto Gomes, que se autodeclara como não índia, reside na Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu exerce a função de Professora há 22 anos no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru Paraguaçu. Durante esse período exerceu a função de coordenadora durante 16 anos, tem formação em Pedagogia e Pós Graduação em Administração e Supervisão Escolar, Magistério Indígena, contribuiu na elaboração do RCNEI (Referencial Curricular para as Escolas Indígenas), participou da Produção da Cartilha Pataxó Hãhãhãe, contribuiu com a Coleção Mayá, do Ensino Fundamental I produzida pelo PET(Programa de Educação Tutorial) do IFBA (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia) Porto Seguro -BA. Atuou de forma ativa no resgate e ampliação da Cultura Pataxó Hãhãhãe, bem como, lutou juntamente com toda a comunidade para a reconquista do Território.

Assim, como a professora Gildinai, que se autodeclara como não indígena, existem outras mulheres na comunidade que participam e participaram ativamente das atividades agrícolas, culturais e das lutas e reconquistas territorial.

Assim como todas as entrevistadas, podemos dizer que as mulheres Pataxó Hãhãhãe são guerreiras, pois trazem para si a responsabilidade pela auto sustentação familiar, visto que elas desenvolvem atividades na agricultura, como

vendedoras dos produtos produzidos, exercem atividades de profissionais formais em vários setores dentro da comunidade. Em geral, são elas as responsáveis pela renda e manutenção das necessidades econômicas da família.

O papel da mulher Pataxó Hãhãhãe vai desde as atividades domésticas até as festivas. São elas que organizam os eventos festivos da aldeia. E em vários setores de serviços da aldeia percebemos o quantitativo de mulher atuando mais que o homem, como: na Saúde, Educação, Agricultura e Pesca. O homem atua mais fortemente na pecuária, embora tenhamos muitas mulheres jovens atuando como vaqueiras cuidando dos seus próprios animais.

Todas as atividades desenvolvidas pelas mulheres sempre foram invisíveis visto que os homens quase sempre se consideram os únicos protagonistas de todas as atividades desenvolvidas aqui na aldeia, embora sejam as mulheres quem tomam as atitudes de ações visando mudanças.

Seguindo essa linha de pensamento, resolvi apresentar o empoderamento dessas mulheres que tanto lutaram e lutam para conquistarem um espaço como mulheres, lideranças e profissionais respeitadas dentro da comunidade. Com esse trabalho espero estimular uma mudança de olhar sobre a posição que a mulher indígena Pataxó Hãhãhãe ocupa dentro do território, para com isso valorizar as suas diversas práticas, o empoderamento e seu protagonismo.

Nas imagens expostas nesse trabalho e outras do meu acervo pessoal, constam a presença maciça da mulher indígena Pataxó Hãhãhãe. Ao relacionar as imagens com o que aqui foi escrito, busquei reviver a memória de luta e resistência dessas protagonistas empoderadas que marcaram e marcam seu espaço no nosso território, dentro das diversas áreas de conhecimento e vivência da comunidade.

Optei por este tema Luta e Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe por entender o quanto é relevante dar visibilidade a tantas ações praticadas por elas e o quanto são invisíveis na comunidade.

Essa pesquisa não será encerrada com este trabalho, pois ele abre um leque para tantas outras pesquisas sobre as mulheres da nossa comunidade, já que não existe pesquisa no olhar da mulher indígena Pataxó Hãhãhãe escrito por elas mesmas.

**GALERIA DE FOTOS “LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO TERRITÓRIO
PATAXÓ HÃHÃHÃE”**



**Eu, Daniella Gomes de Freitas, Pataxó Hãhãhãe,
apresento com o meu olhar, a galeria de fotos da Luta e
Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe.**

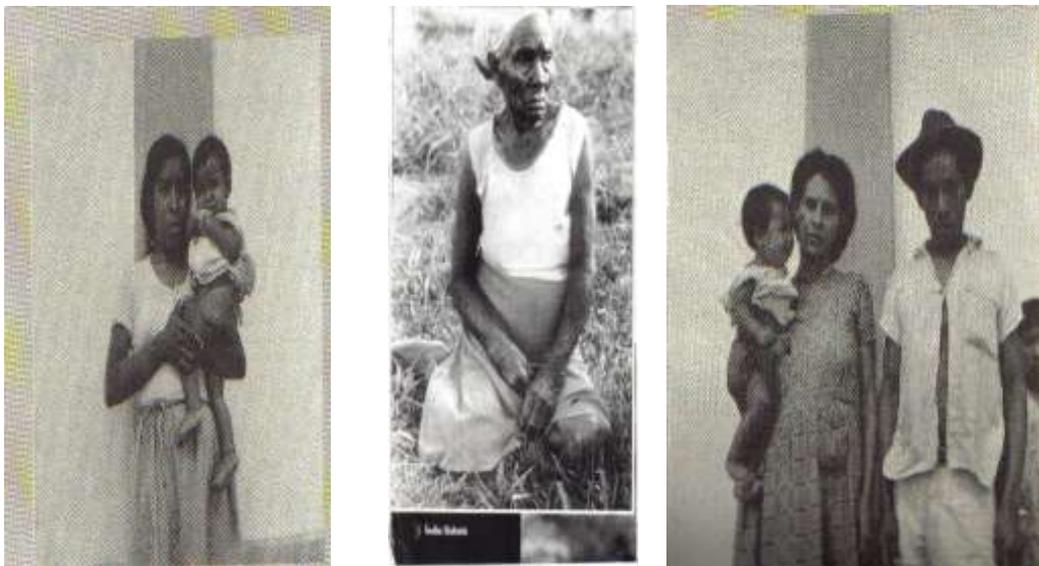
Galeria de Fotos

(Essa galeria é composta com fotos de acervos variados: CIMI, fotos encontradas em sites, jornais e acervo pessoal)

Período do SPI (Serviço de Proteção ao Índio)



Aldeia Indígena Bahetã –Itaju do Colônia na época do SPI



OBS: Todas as fotografias são do Acervo do Museu do Índio- Rio Janeiro.

Década de 80 Século XX



Acervo do CIMI- Foto-curral na Sede do Caramuru



Acervo do CIMI- Foto-Aldeia Panelão



Acervo do CIMI- Foto- Caramuru

OBS: Fotos do Acervo do CIMI(Conselho Indigenista Missionário)



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI



OBS: Fotos do Acervo do CIMI(Conselho Indigenista Missionário)





Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres na Reunião da Comunidade no Curral.

Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Família de Samado.



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres Dona Carmozina, Zéze e outras.



OBS: Fotos do Acervo do CIMI(Conselho Indigenista Missionário)-Mulheres Dona Judith,Dona Finha .



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres Dona Carmozina, Maria Preta, Bahetã e Maura Thithiá.

Década de 90



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres Guelene e Rosa Juriti.



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres Dona Hirda Nonato e Dona Maria Otilia (Liu).



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres Cacique Ilsa ,Marilene de Jesus(Sí)

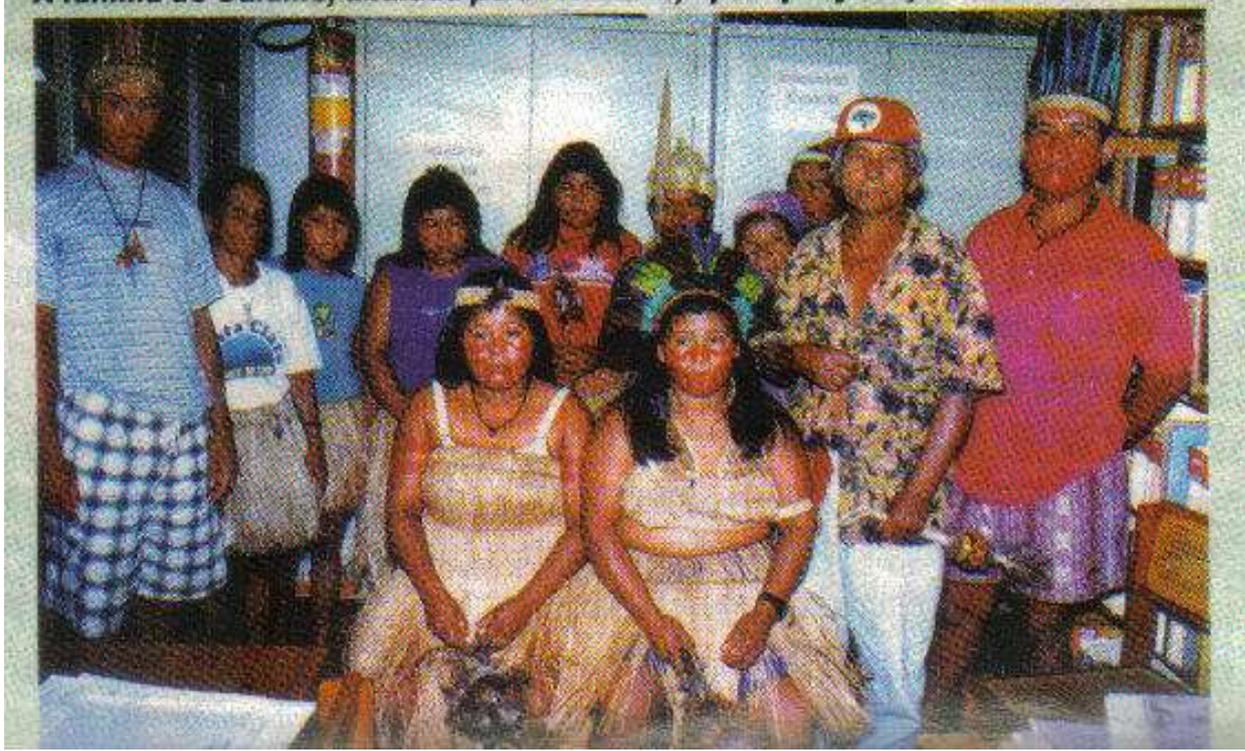


Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Maria Ozelha, Carmelia Saturnino e Maria Mello.

Fotos: Francisca Picinço



A família de Galdino, abalada pela violência, apela por justiça



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Marilene de Jesus(Sí), Sula, Dona Minervina, Tayte, Erlania , Tanta, Dona Nil.



Índios comemoram condenção dos quatro rapazes com o promotor Maurício Miranda, em Brasília



Fonte: [Conselho Indigenista missionário-CIMI](#)



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Maria de Fatima Rocha(Fatinha)



OBS: Fotos do Acervo da ANAI(Associação Nacional de Ação Indigenista) Mulher- Maria Dajuda.

Década 2000



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI-Mulheres: Dona Judith, Michele, Damanes, Sebastiana Nunes, Marilene de Jesus, Maria Português, Isabel, Sebastiana (Dona Nenzinha), Sirleide,, Shauane, Erli, Zenazilda.



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres Raimunda Pinheiro, Vanusa Pinheiro, Marlene , Saionara, Marilene (Sí),Dona Rocha.



Fonte: Conselho Indigenista missionário-CIMI- Mulheres: Margarida Pataxó, Luzineth Muniz, Sandra, Edenisia.



Fonte: Museu do Índio – Cacique Ilsa, Marilene(Sí), Irís.



Fonte: Arquivo pessoal- Tico, Bethania, Roca, Taís, Erica.

Jovens Pataxó Hã-hã-hãe estudam medicina em Cuba

O s Pataxó Hã-hã-hãe Edvaldo Jesus dos Santos, 23 anos, e Maria da Glória Oliveira da Silva, 22, viajaram em fevereiro para Cuba como participantes do intercâmbio internacional de bolsas de estudos para o curso de medicina. Os dois índios foram indicados pela aldeia Caramuru Catarina Paraguassu e aprovados pelo Conselho dos Caciques Pataxó Hã-hã-hãe com o compromisso de que tudo o que eles aprenderem será revertido em benefício para a comunidade. O interesse é complementar o conhecimento tradicional com a medicina dos não-índios. "Nas nossas aldeias não há médicos indígenas. Contamos com apenas um médico que visita a comunidade de vez em quando. Esta situação fez com que a gente não pensasse esta oportunidade", afirmou Glória Oliveira. "O que aprendermos será transformado em instrumento de luta para as nossas comunidades", reafirmou Edvaldo.

O curso de medicina é oferecido, há três anos, pelo governo de Cuba para estudantes indicados por partidos políticos ou organizações sociais. Com ênfase à prevenção de doenças, o curso tem duração de seis anos, sendo dois de estudos básicos e quatro em clínica, intercalados por férias anuais. Edvaldo Jesus e Maria da Glória Oliveira fazem parte de um grupo de 60 brasileiros que deixou o Brasil no dia 10 de fevereiro. O primeiro semestre será de adaptação e conhecimento da realidade do país. As aulas têm início em agosto. (Kátia Vasco)

Maria da Glória e Jesus dos Santos: medicina em benefício da comunidade

7 | Março 2001

Fonte: Acervo CIMI- Doutora Maria da Glória



Fonte: Acervo CIMI– Egida Trajano da Silva, Zenolia Mello, Michelle e Hamangai.



Fonte: Acervo CIMI –Dona Justina, Maiana, Neuza Braz.



Fonte: Acervo Pessoal –Dona Martha Xavier



Fonte: Acervo Pessoal –Jardelina



Fonte: Acervo Pessoal –Sirleide Batista e Amanary



Fonte: Acervo Pessoal –Geaci



Fonte: Acervo Pessoal –Israela



Fonte: Acervo Pessoal –Gracilene



Fonte: Acervo Pessoal –Sirlane



Fonte: AcervoPessoal- Sáira



Fonte: Acervo Pessoal – Zenolia Mello, Damanes e Shauane.



Fonte: Acervo Pessoal – Maria Joana(Ninha)



Fonte: Acervo Pessoal –Dona Ana



Fonte: Acervo Pessoal –Dona Creusa, Dona Azenilda, Jossilene, Maria de Lourdes e Daniella.



Fonte: Acervo Pessoal – Luzia



Fonte: Acervo Pessoal –Adenilza Pereira



Fonte: Acervo Pessoal –Maristela Xavier



Fonte: Acervo Pessoal –Doralice Rocha e Jane



Fonte: Acervo Pessoal –Edileia e Zuleide Pataxó



Leonice Santana



Fonte: Acervo Pessoal –HildeildesFernandes



Fonte: Acervo Pessoal –Egida Trajano



Fonte: Acervo Pessoal –Edenisia, Veridiana, Sirlene, Saíra, Gessica, Arileia, Alica e Arikeia.



Fonte: Acervo Pessoal –Dona Leonoura



Fonte: Acervo Pessoal –Dona Izonete



Fonte: Acervo Pessoal – Dainha



Fonte: Acervo Pessoal –Ineildes



Fonte: Acervo Pessoal –Lenir e Beatriz



Fonte: Acervo Pessoal –Maria de seu Mero



Fonte: Acervo Pessoal - Jucenir e Verônica.



Fonte: Acervo Pessoal Dona Ester



Fonte: Acervo Pessoal- Marileuza.



Fonte: Arquivo pessoal- Mulheres: Zailda, Hanahai, Anarailza, Amarailza, Iamara.



Fonte: Acervo Pessoal Lucineide(Neide), Daniele Cardoso, Janiele, Rafaela e Purinha.



Fonte: Acervo Pessoal -Zenaide



Fonte: Acervo Pessoal -Jocileia



Fonte: Acervo Pessoal- Moça



Fonte: Acervo Pessoal Maria Aparecida Barros, Franciele, Thalia e Wiara.



Fonte: Acervo Pessoal Adilene(Vanusa)



Fonte: Acervo Pessoal –Laura Ferreira



Fonte: Acervo Pessoal - Marcia Pereira



Fonte: Acervo Pessoal Dona DÚ e Dona Filomena



Fonte: Acervo Pessoal Maria Aparecida, Carol e Kaline,



Fonte: Acervo Pessoal Gilmara, Josi e Karian.



Fonte: Acervo Pessoal -Rosimeire



Fonte: Acervo Pessoal Regina Muniz



Fonte: Acervo Pessoal – Ana Célia



Fonte: Acervo Pessoal - Rosilene, Karine e Klesley.



Fonte: Acervo Pessoal - Maria Aparecida



Fonte: Acervo Pessoal- Carminha, Jurema, Esmeralda e Maelda, Carmem Lúcia.



Fonte: Acervo Pessoal -Sebastiana Nunes



Fonte: Acervo Pessoal Roseane.



Fonte: Acervo Pessoal Dona Marlene e Fabiola.



Fonte: Acervo Pessoal Luciene



Fonte: Acervo Pessoal -Creuza



Fonte: Acervo Pessoal Professora: Margarida Rocha Pataxó



Fonte: Acervo Pessoal Aline, Inaiá e Gelza.



Fonte: Acervo Pessoal - Roseane Santos



Fonte: Acervo Pessoal Sinara



Fonte: Acervo Pessoal Maiza Rocha



Fonte: Acervo Pessoal Joselita Pereira(Caega)



Fonte: Acervo Pessoal Marlene



Fonte: Acervo Pessoal Vania e Sawanaha.



Fonte: Acervo Pessoal Eliane



Fonte: Acervo Pessoal Edinuvia.



Fonte: Acervo Pessoal Jocelia



Fonte: Acervo Pessoal Dona Antonia



Fonte: Acervo Pessoal Celma Bataista



Fonte: Acervo Pessoal- Elza Correia



Fonte: Acervo Museu do Índio – Almerinda



Fonte: Acervo Pessoal –Maria da Pena(Peninha)



Fonte: Acervo Pessoal –Edna Bento



Fonte: Acervo Pessoal Valdeia Muniz



Fonte: Acervo Pessoal Maiana Rocha.



Fonte: Acervo Pessoal Dona Diolina.



Fonte: Acervo Pessoal Edileia Pataxó



△



Fonte: Acervo Pessoal : Maria Rodrigues, Naina e Queila.



Fonte: Acervo Pessoal Edileuza Muniz e Graciele Muniz.



Fonte: Arquivo pessoal- Damiana (Buraem)



Fonte: Acervo Pessoal Maria Rosa de Jesus (Dona Roxa)



Fonte: Arquivo pessoal- Célia Amoirim



Fonte: Arquivo pessoal- Karina Graciliano



Fonte: Arquivo pessoal- Helena Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal- Maria Madalena(Dona Preta)



Fonte: Arquivo pessoal- Elenir(Finha)



Fonte: Arquivo pessoal- Elma



Fonte: Arquivo pessoal- LENIR, Beatriz.



Fonte: Arquivo pessoal- Jacira



Fonte: Arquivo pessoal- Sonia Cardoso e Alica.



Fonte: Arquivo pessoal- _Dona Liu



Fonte: Arquivo pessoal- Rosalina(Rosa)



Fonte: Arquivo pessoal- Eliza Maria dos Anjos(Dona Lizinha)



Fonte: Arquivo pessoal- Maria Ozelha



Fonte: Arquivo pessoal- Gil de Tempo Duro



Fonte: Arquivo pessoal- Cidinha e Estefhane



Fonte: Arquivo Pessoal- Nené Nonato



Fonte: Arquivo Pessoal- Antonia Nonato



Fonte: Arquivo Pessoal- Edith Nonato



Fonte: Arquivo pessoal- Dilmar e Rosilene Nonato.



Fonte: Arquivo pessoal- Silvana Nonato.



Fonte: Arquivo pessoal- Tatiá Muniz e Yasmine Muniz



Fonte: Arquivo pessoal- Mariluce (Peleguinha), Dona Lindaura e Mariazinha Muniz



Fonte: Arquivo pessoal- Maria de Lourdes



Fonte: CIMI – Sirleide Francisco, Sirlane Oliveira, Marcia Pereira.



Fonte: CIMI Arquivo pessoal- Raimunda Pinheiro e Marilene de Jesus(Sí)



Fonte: Acervo Pessoal- Lucimar Gomes, Luciene Muniz, Willman Rocha, Suene Pereira, Dona Rosinha Vieira.



Fonte: Acervo Pessoal- Creusa Fernandes



Fonte: Acervo Edenisia Pereira- Evanir Pereira(Dona Vanir)



Fonte: Acervo De Olinda Muiniz Wanderley- Luzineth Muniz, Maria de Fátima Muniz, Sara Morães.



Fonte: Acervo pessoal- Daniella, Dona Esmilha e Vera Lúcia.



Fonte: Acervo Pessoal: Maria Ozelha, Lourdes, Daniella, Eliete, Célia, Tamires, Cidinha, Dona Preta e Ynawana

Dedico esse Álbum de fotografia “Luta e Resistência das Mulheres no Território Pataxó Hãhãhãe” em Memória de Dona Elisa dos Anjos.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline Silva de. **Ikhã'y' iré ùg Aksûg: lëp Jokana Txihihãe Pataxó ùpú Pataxi Makiamé (Lutas e Conquistas: Mulheres Indígenas Pataxó de Aldeia Velha)**. Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da UFMG. 2016

CARVALHO, Maria Rosário, **Mapeando Parentes: identidade, memória, território e parentesco na Terra Indígena Caramuru-Paraguassu**. (Organizadores).- et al. Salvador : UFBA, 2012

Povo Pataxó Hãhãhãe, CIMI, Campanha Internacional pela Regularização do Território Pataxó Hãhãhãe, Diocese de Itabuna-BA, Ano 2000.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Relatório sobre a História e Situação da Reserva dos Postos Indígenas “Caramuru e Catarina Paraguassu”, apresentado à Fundação Nacional do Índio**. Salvador : Convênio Funai – Ufba, Projeto de Pesquisa sobre as Populações Indígenas da Bahia.

SOUZA, Jurema M. A. **Mulheres Pataxó Hãhãhãe. Corpo, Sexualidade e Reprodução**. Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em C. Sociais, concentração em Antropologia. Salvador : UFBA, 2002.

WANDERLEY, Samuel Maurício de Oliveira. **Os Índios do Posto Indígena Caramuru, Sul da Bahia: uma introdução panorâmica a seu subsistema econômico**. Monografia de conclusão do bacharelado em Antropologia da FFCH-UFBA. Salvador, 2003.

WIED-NEUWIED, Maximiliano, príncipe de. 1958. **Viagem ao Brasil**. São Paulo : Cia Editora Nacional, s/d.

Entrevistas:

ANJOS, Eliza Maria. Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. Pau Brasil/BA, em 12 de novembro de 2019. Entrevista concedida a Daniella Gomes de Freitas.

SILVA, Célia dos Anjos. Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu. Pau Brasil/BA, em 20 de agosto de 2019. Entrevista concedida a Daniella Gomes de Freitas.

SANTOS, Edenísia Pereira. Aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu. Pau Brasil/BA, em 15 de Fevereiro de 2020. Entrevista concedida a Daniella Gomes de Freitas.

SILVA, Ilsa Rodrigues. Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. Pau Brasil/BA, em 25 de agosto 2019. Entrevista concedida a Daniella Gomes de Freitas.

WANDERLEY, Olinda Muniz Silva. Aldeia Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. Pau Brasil/BA, em 30 de outubro de 2019. Entrevista concedida a Daniella Gomes de Freitas.